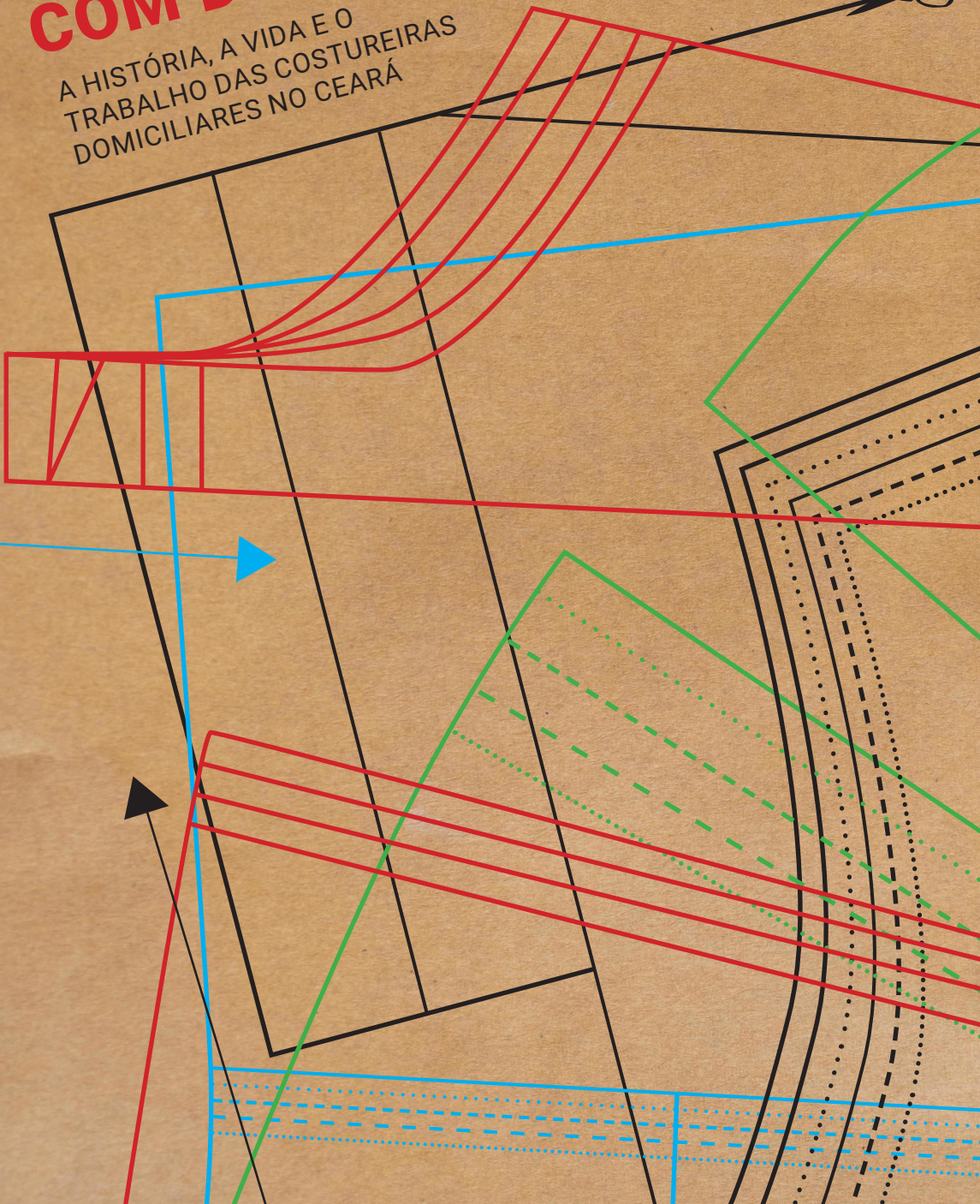


COSTURANDO MODA COM DIREITOS

A HISTÓRIA, A VIDA E O
TRABALHO DAS COSTUREIRAS
DOMICILIARES NO CEARÁ





Laudes ———
—— Foundation



**EXPEDIENTE
PUBLICAÇÃO
COSTURANDO MODA COM DIREITOS**

**ELABORAÇÃO INSTRUMENTOS
DE PESQUISA**
Mônica Ponte e Taciana Gouveia

PESQUISADORAS
Alessandra Félix Xavier
Ana Lúcia Costa
Ana Selma Costa
Ariadne Souza de Oliveira
Cristina Costa Sousa
Karen Annie Silva Benevides
Maria das Dores Marques dos Santos
Maria Daniela Silva de Souza
Maria Livia Souza Barros Neres
Maria Suderli Pereira Lima
Marília Duarte Guimarães
Regilane de Oliveira Souza
Sílvia Helena Pereira Lima
Tayná de Lima de Texeira



**BANCO DE DADOS
E TABULAÇÃO**
Iorran Aquino

**REDAÇÃO E EDIÇÃO
DE TEXTOS**
Taciana Gouveia

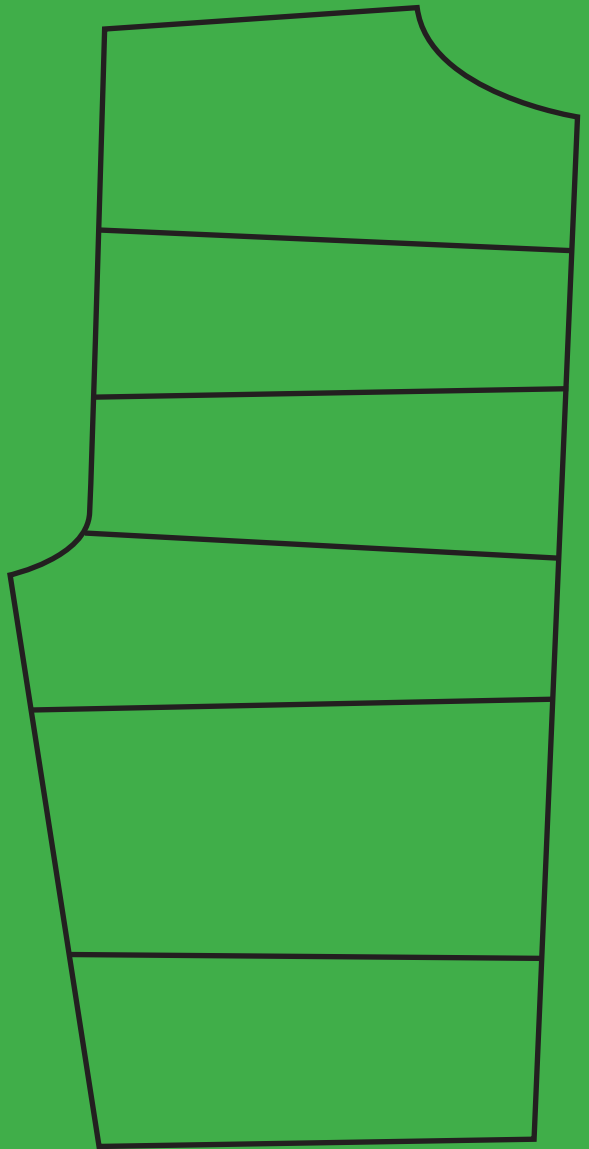
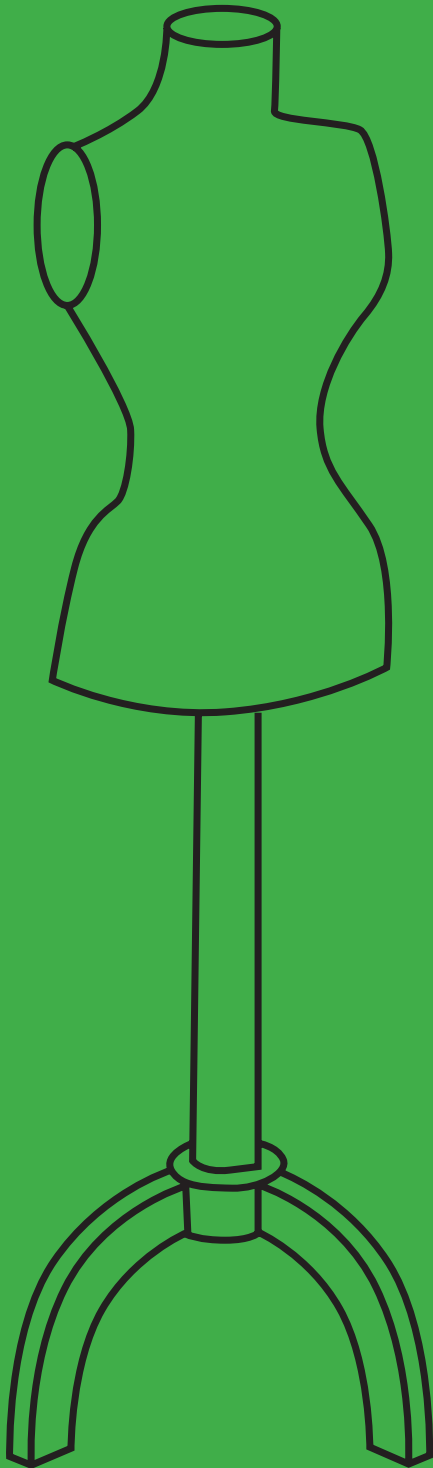


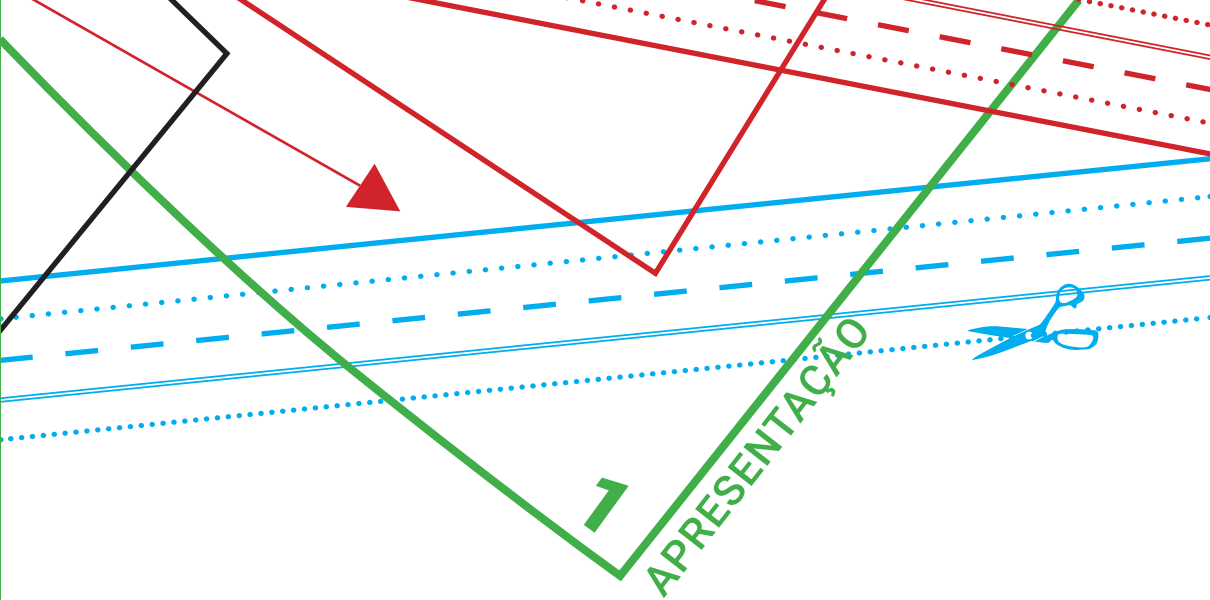
**PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**
Rachel Gepp



SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	07
2	PARA COMEÇAR...	11
3	HISTÓRIAS DE VIDA	21
4	ANÁLISE DOS DADOS	42





É com muita alegria que apresentamos a vocês a publicação Costurando Moda com Direitos – a história, a vida e o trabalho das costureiras domiciliares no Ceará.

Trazemos para vocês informações e reflexões a partir de pesquisa realizada em janeiro e fevereiro de 2022 com 87 costureiras da Região Metropolitana de Fortaleza e dos municípios de Crateús e Viçosa do Ceará. O questionário continha 39 perguntas fechadas e seus resultados foram tabulados em um banco de dados e, posteriormente fizemos uma análise coletiva dos mesmos. Agrademos as 87 costureiras entrevistadas pelo tempo e disponibilidade em nos contar tantas coisas.

Além dos dados e análises, vocês também irão conhecer as histórias de Ariadne, Dona Vilanir, Lucivalda e Rosenira, costureiras cearenses que conosco compartilham suas trajetórias, experiências, dificuldades e sonhos. A elas o nosso mais afetuoso e profundo agradecimento.

* **POR FIM, QUEREMOS NOS APRESENTAR:**

O projeto Costurando Moda com Direitos é uma iniciativa da FASE, através do Fundo SAAP e das unidades regionais do Rio de Janeiro e de Pernambuco, com o apoio da Laudes Foundation. Nossas ações são realizadas em parceria com 19 organizações, grupos e coletivos de mulheres no Ceará, Rio de Janeiro e Pernambuco.

O Fundo SAAP foi criado em 1985 e tem como objetivo fortalecer o amplo conjunto de sujeitos políticos que, desde a década de 1980, vêm lutando contra as desigualdades, opressões, explorações e preconceitos. Atualmente, a prioridade é o apoio às organizações, grupos e coletivos que atuam no enfrentamento ao racismo, ao sexismo, a heteronormatividade e às violências daí derivadas, com especial atenção às violências produzidas pelo Estado. Por isso, nos últimos anos, 65% dos projetos apoiados são de organizações, grupos e coletivos de mulheres, especialmente mulheres negras.

* | NO CEARÁ NOSSAS PARCEIRAS SÃO:

O Movimento de Mães e Familiares do Curió surgiu por causa da maior chacina cometida por policiais no estado do Ceará, ocorrida na noite de 11 de novembro de 2015 e se estendendo até a madrugada do dia seguinte. As mães e familiares deram início ao movimento logo após uma falsa alegação da parte dos policiais na qual diziam que a chacina teria ocorrido devido a brigas de facções e confronto com a polícia. Com isso as mães e os familiares transformaram seu luto em luta e seguem em coletivo na busca de justiça e honra para os seus entes que foram torturados e assassinados naquela noite.

O Coletivo “Vozes” surge em 2013 nos portões dos centros socioeducativos de Fortaleza/CE. Um grupo de mães percebeu a necessidade de entender as práticas desse sistema, confrontando o conceito de socioeducação com as violações de direitos humanos que ocorriam cotidianamente no cumprimento das medidas. Com o tempo, outras questões foram surgindo, como a migração dos jovens do sistema socioeducativo para o prisional, e assim incluímos a pauta das prisões cearenses, junto com fortalecimento e participação das famílias de pessoas privadas de liberdade. O lugar de fala das mães e familiares do “Vozes” se constitui na partilha mútua sobre as vivências dos caminhos da internação e do cárcere; buscamos acolher, trocar experiências e fortalecer as mulheres/familiares. Na nossa militância objetivamos a efetivação de outras práticas para além de vigiar e punir. Lutamos pelo desinternamento e desencarceramento.

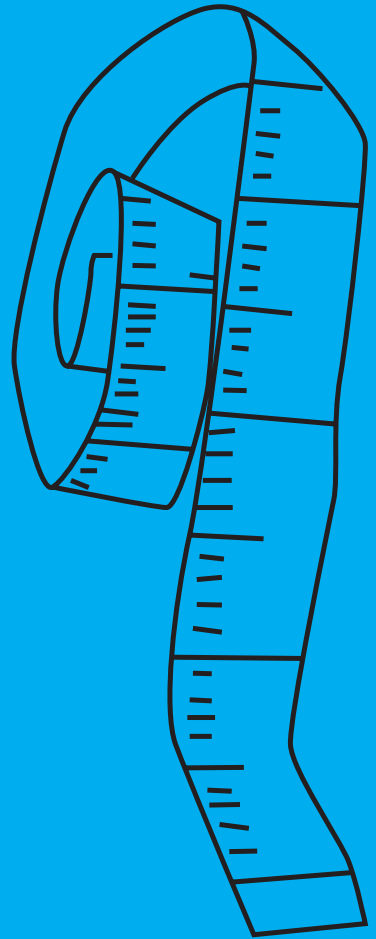
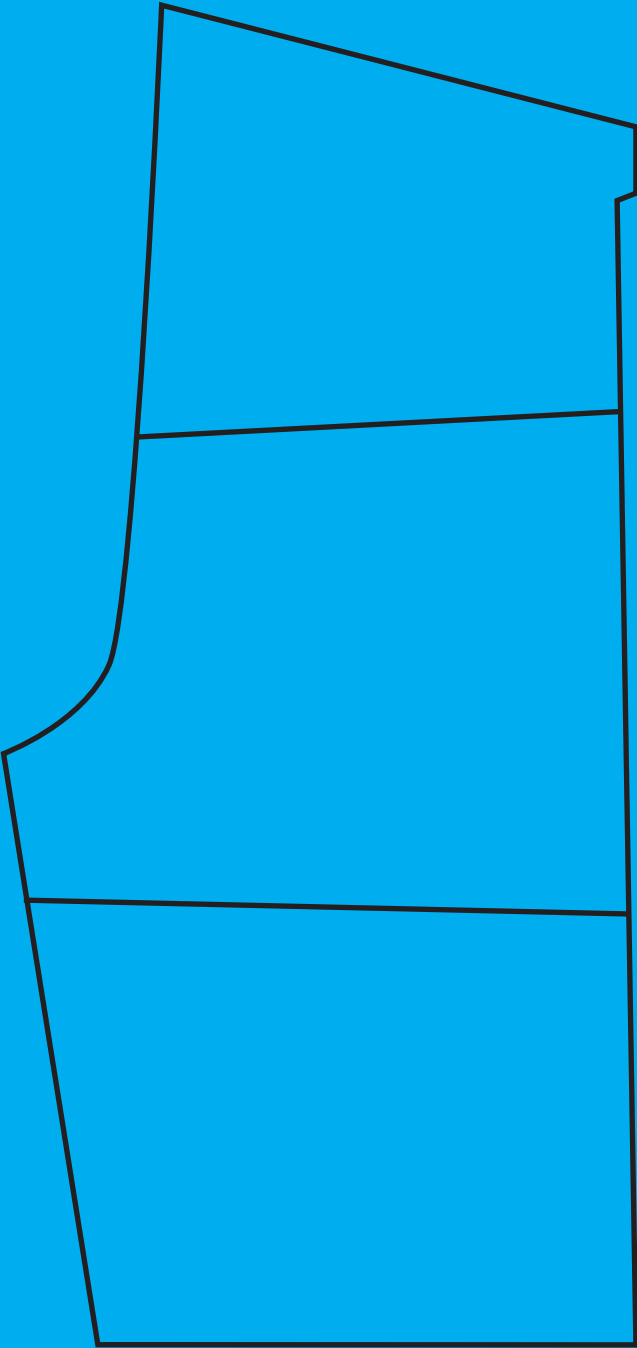
O Fórum Cearense de Mulheres (FCM), por onde se organiza no Ceará a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), é movimento político feminista que luta contra o patriarcado heteronormativo, o racismo e o capitalismo.

O FCM se organiza de forma plural, livre e autônoma, articulando e mobilizando lutas, manifestações e ações coletivas entre movimentos, grupos, coletivos, organizações e setoriais de mulheres, bem como ativistas feministas independentes. Também estabelece parcerias e alianças com organizações e movimentos mistos que tenham compromisso com a luta pelo reconhecimento e efetivação dos direitos das mulheres; com a defesa da igualdade e justiça social de gênero, de raça/etnia, de classe; com a liberdade de orientação afetivo-sexual e contra a LGBTQIfobia; com a defesa do Estado laico, entre outras.

O Movimento Ibiapabano de Mulheres (MIM), localizado no território da Ibiapaba, tem como missão contribuir com a auto-organização das mulheres na defesa de seus direitos, na busca da equidade de gênero, no enfrentamento às violências contra as mulheres, no combate ao patriarcado, ao capitalismo, ao racismo. Atuamos em processos de formação feminista e mobilização social, incentivando o protagonismo e a autonomia das mulheres na construção de um mundo de igualdade, de justiça sócio ambiental e liberdade. Somos mulheres feministas, negras, sindicalistas, pertencentes à classe trabalhadora, residentes na zona urbana e rural. Compomos o FCM/AMB.

O Coletivo Fuxiqueiros é um movimento formado por pessoas LBTPs (lésbicas, bissexuais, pansexuais e transexuais) feministas. Nascido em Crateús, sertão do Ceará, atualmente integra o FCM (Fórum Cearense de Mulheres / AMB). Em sua composição atuam mulheres indígenas e pardas, que enfrentam também as lutas por educação, demarcação de terras, lgbtfobia e a violência contra a mulher, principalmente na luta pela implementação da delegacia regional da mulher em nosso município.

Agora que vocês já nos conhecem é hora de descobrirem como é a vida e o trabalho das costureiras domiciliares no Ceará.
Boa leitura.





2 PARA COMEÇAR...

Falar das condições de vida e trabalho das costureiras domiciliares parece à primeira vista um assunto meio antigo, afinal com tantas opções para comprar roupas quem ainda recorre ao trabalho das costureiras?

Acontece que ao contrário do que muita gente imagina, são as costureiras, trabalhando em suas casas, que produzem grande parte das roupas que consumimos. E não só aqui no Brasil, mas em todo mundo. E esse fazer existe desde sempre, se confundindo com a própria história e desenvolvimento da indústria têxtil e de confecções. O que mudou e se agravou nas últimas décadas foi que fomos deixando de “enxergar” essas mulheres, elas foram sendo apagadas pelas dinâmicas econômicas das grandes empresas em sua busca incessante de aumentar seus lucros e diminuir os seus riscos e responsabilidades.

É, na maioria das vezes a gente não costuma pensar nas condições de trabalho e nas pessoas que produzem aquilo que compramos, especialmente no caso da indústria da moda onde tudo se reveste de beleza, cor, alegria e glamour.

Mas, as aparências enganam muito porque se pensarmos um pouco, rapidamente vamos concluir o quanto o “mundo da moda” funciona apagando, escondendo, oprimindo os corpos das mulheres reais e hiper visibilizando um determinado tipo de corpo feminino quase inventado para poder caber certinho nos modelos que dão sustentação as

variadas formas de dominação, exploração e discriminação de classe, raça, gênero orientação sexual, idade, dentre outros.

Os movimentos de mulheres, ao longo de suas trajetórias, sempre denunciaram o quanto as roupas foram – e continuam sendo- instrumentos de opressão dos nossos corpos. Essas lutas resultaram em mudanças significativas que criaram novos parâmetros estéticos e éticos na relação das mulheres com a moda.

Contudo, no que se refere às transformações na indústria da moda, os impactos positivos não tiveram um alcance amplo, pois esbarram nas estruturas e dinâmicas de produção e sustentação das desigualdades e nos interesses econômicos de um segmento muito poderoso. Não por acaso, muitas das conquistas e bandeiras de luta dos movimentos sociais foram apropriadas pelas empresas como um elemento que lhes possibilita aumentar os seus ganhos e valorizar sua imagem.

Hoje em dia a imagem, a marca é um ativo fundamental no mundo dos negócios e, portanto, as empresas são muito “sensíveis” a tudo o que pode afetar sua aparência. Ao mesmo tempo, são muito hábeis em esconder por debaixo dos panos as dinâmicas de exploração do trabalho das mulheres.

Por vezes na pressa da vida cotidiana, não conseguimos perceber o quanto aquilo que deveria ser obrigação das empresas é transformado por elas em um fator de lucro, especialmente através do “embelezamento” de sua imagem. Esses são os casos, por exemplo, de marcas de roupas cuja publicidade é feita para demonstrar o quanto são defensoras da diversidade, inclusivas, sustentáveis, ainda que os preços seus produtos sejam absolutamente excludentes para a maioria das pessoas.

Pois é, o que deveria ser a responsabilidade e compromisso da indústria da moda com a sociedade se torna mais um elemento de distinção disponível apenas para as pessoas com maior poder aquisitivo.

Não bastasse isso, algumas marcas consideram que é fundamental para valorizar a sua imagem informar que suas roupas são produzidas a partir de relações de trabalho dignas! Assim o que é um direito das

costureiras passa a ser tratado como um diferencial que merece ser “aplaudido” e, evidentemente, “justifica” o preço mais alto de suas peças!

É quase inacreditável, ainda mais quando sabemos que a preocupação em afirmar que os modos de produção são dignos só surgiu em função das inúmeras denúncias, feitas por ONGs e movimentos sociais, de situações de trabalho análogo à escravidão existentes na indústria de vestuário.

Uma tragédia ocorrida em 2013 em Bangladesh revelou para o mundo a exploração e precariedade que estruturam a indústria da moda. Foi preciso que um prédio que abrigava pequenas fábricas de roupas desabasse, matando 1134 pessoas e ferindo mais de 2000 que nele moravam e trabalhavam, para que o fio dessa trama perversa fosse puxado. Não precisamos dizer que a maioria das pessoas mortas e feridas eram mulheres. É importante ressaltar que as roupas produzidas nesse prédio não eram de empresas locais, mas sim pertenciam a grandes marcas do varejo mundial como a H&M (Suécia), Walmart (Estados Unidos), Zara (Espanha) e Primark (Inglaterra), Benetton (Itália), Carrefour (França), dentre outras.

Ao desnudar a trama da exploração do trabalho das mulheres em níveis tão absurdos, a tragédia de Bangladesh também deixou à mostra vários aspectos do modelo de negócios da indústria da moda em sua busca incessante pela diminuição dos seus custos e ampliação dos seus lucros. São processos de grande complexidade e que estão fortemente associados à expansão e consolidação neoliberalismo.

Não podemos esquecer que a indústria têxtil e de confecções foi um dos segmentos econômicos que fundou o sistema capitalista a partir da invenção da máquina hidráulica de fiar em 1769 e do tear mecânico em 1785 o que, por sua vez, reorganizou de modo profundo as relações de produção, tanto no que se refere à dependência instaurada entre quem trabalhava e os donos do maquinário, quanto na aceleração do tempo para produzir. Assim, produção familiar e doméstica têxtil foi sendo empurrada para as margens, perdendo nesse movimento sua autonomia, seu poder de escolha e decisão.

Esse é um assunto que dá pano para mangas, mas não será possível contar aqui séculos da história que vai dos primórdios do capitalismo até o momento atual. Teremos que encurtar nosso caminho, mas é importante que vocês se atentem para a centralidade da indústria da moda na estruturação e manutenção das várias e profundas desigualdades que vivemos.

* | PRODUZINDO E CONSUMINDO EM ALTA VELOCIDADE

Dando um salto no tempo e voltando à tragédia de Bangladesh, vimos que as fábricas produziam roupas para grandes marcas varejistas. Queremos destacar duas, a H&M, pouco conhecida no Brasil, e a Zara. Essas duas marcas são pioneiras na produção de roupa denominada fast fashion. Tal modelo de produção surgiu nos anos 1990, trazendo inovações no modo de produção e distribuição de roupas e acessórios. Até esse momento as grandes marcas, seguindo as tendências da chamada alta costura, criavam coleções pensando nas estações do ano, ou seja, os lançamentos ocorriam quatro vezes por ano. A partir dos anos 1990 as marcas de varejo começam a se desvincular dessa lógica e passam a lançar novos produtos a cada 15 dias! Por isso é chamada de fast fashion, que em português significa moda rápida.

Vários elementos se combinaram para que tal “inovação” fosse possível, dentre eles destacamos:

- A** a maior velocidade na circulação de informações e imagens, como o surgimento da internet, diversifica as referências para a moda;
- B** mudanças estruturais nas regras do mercado internacional, como os acordos de livre comércio que derrubam barreiras de proteção para a importação de determinados produtos, dentre os quais os de vestuário;
- C** implementação de políticas neoliberais no campo das relações de trabalho, retirando garantias e direitos de modo a aumentar a margem de lucro das empresas. Tudo isso se deu em escala global, fazendo com que todas as dimensões da indústria da moda estivessem fortemente encadeadas em todos os continentes.

Mas o que tudo isso tem a ver com o lugar da indústria da moda na manutenção das desigualdades?

Pensem com a gente: para produzir tantas peças de roupas a cada 15 dias é necessário ter muitas pessoas trabalhando, um espaço para caber máquinas e pessoas, muitas operações complexas, compras diversas. Tudo isso implica em custos altos, ao mesmo tempo em que as peças de fast fashion tendem a ter um preço mais baixo. Como é que essa conta fecha com lucro?

É aqui onde entram os dois últimos elementos que mencionamos acima e que são centrais para o capitalismo neoliberal: a queda das barreiras alfandegárias e a flexibilização das relações trabalhistas.

No primeiro caso, se tornou mais fácil e barato não apenas a aquisição da matéria prima para a produção de roupas, como também a venda para outros países. Se a gente puxar pela memória vai lembrar que até um tempo atrás não existiam lojas Zara no Brasil pois sendo uma marca espanhola, suas roupas dependiam da importação e assim o seu preço final ficaria muito alto. Além disso, produtos chineses, incluindo roupas, passaram a ser vendidas com preços bem baratos, já que as barreiras que protegiam a indústria de confecções caíram.

A flexibilização das relações trabalhistas, ocorrida em várias partes do mundo, teve como efeito a fragmentação das etapas do processo produtivo na indústria da moda e seu deslocamento para outros países, diminuindo assim seus custos, suas responsabilidades e obrigações. Essa operação foi feita fundamentalmente por grandes empresas europeias e estadunidenses, na medida em que nesses países ainda se mantem um conjunto importante de direitos trabalhistas e seguridade social, frutos das conquistas sindicais ocorridas até os anos 1970.

Mas como isso se dá essa operação?

Uma marca contrata uma confecção – em alguns casos, formalizada e localizada no mesmo país que ela – para produzir os modelos de roupas que ela quer. A confecção, por sua vez, se encarrega das compras dos insumos (tecidos, aviamentos) e da contratação de pequenas fábricas

que serão responsáveis pela produção das peças de vestuário. Em geral, as compras são feitas nos países onde a fabricação será realizada e majoritariamente são países asiáticos, com destaque para China, Índia e Paquistão que juntos totalizam 60,5% da produção mundial de vestuário.

Essas pequenas fábricas – muitas delas sem nenhuma formalização – podem funcionar de duas maneiras, não necessariamente excludentes:

A com costureiras trabalhando em um mesmo espaço físico, em geral galpões inadequados, com iluminação precária, ventilação insuficiente, cadeiras e máquinas que prejudicam a postura das mulheres, dentre outras. Na quase totalidade das situações não há contrato de trabalho, os pagamentos são feitos por produção e por isso a carga horária é intensa.

B contratam os serviços das costureiras domiciliares. Ou seja, mulheres que trabalham em suas casas, sob regime de encomenda, sem contratos ou garantias formais. Os dados da pesquisa com as costureiras cearenses vão detalhar a precariedade desse modo de trabalho.

É comum se nomear esse processo de terceirização, contudo, quando olhamos mais de perto constatamos que é muito mais que isso, havendo também a quarteirização e até quinteirização do processo produtivo. Na verdade, sequer é possível definir em quantas etapas esse processo se dá, pois, cada fragmentação gera mais invisibilidade para as pessoas exploradas por esse modelo de negócios.

Se a produção é fragmentada em vários níveis, os lucros são concentrados nas grandes empresas, pois além de ganharem dinheiro com a venda das peças no varejo, não arcam, como vimos acima, com nenhum dos custos mais significativos do processo: não há gastos com salários, direitos trabalhistas e previdenciários, energia elétrica, água, máquinas e sua manutenção, espaço físico.

Os custos imensos desse modelo de negócio recaem sobre as costureiras domiciliares, seja pelos gastos necessários ao trabalho, seja pela ausência de direitos e por receberem uma remuneração indigna.

Além da diminuição dos seus custos, a ampliação global do mercado de

varejo de vestuário fez com que as grandes marcas controlem a estratégica e lucrativa cadeia de distribuição, pois como já vimos, na produção fast fashion a rapidez entre a produção e o consumo é fundamental, dado que nessa lógica não há grandes estoques – o que também reduz os prejuízos – e assim os produtos são constantemente distribuídos entre os vários componentes do processo.

Nos últimos dois anos a pandemia do COVID-19 aprofundou o lugar estratégico dos processos de distribuição de mercadorias, tornando plataformas como a Amazon extremamente lucrativa. E não por acaso uma empresa vinculada a indústria da moda fundada em 2008 vêm crescendo em visibilidade e tamanho no mercado global, ao ponto de ser considerada a inventora do ultra fast fashion.

Estamos falando da Shein, gigante chinesa que comercializa roupas e acessórios em todo mundo, conectando, através de sua plataforma quem fornece e quem consome. De modo semelhante às marcas do varejo, é ela quem define os modelos e os apresenta para as empresas fornecedoras que irão produzi-los. Depois as roupas são expostas na loja virtual, compradas pelas pessoas e distribuídas pela Shein.

Mas prestem atenção a um detalhe: as roupas vendidas na plataforma são de marcas diversas, ou seja, a Shein não é uma marca de roupa, ainda que seja quem determina os modelos, a quantidade, o preço, os prazos. É a velocidade em todas as etapas que faz com que esse modo de produção seja denominado de ultra fashion, afinal se os grandes magazines do varejo fazem coleções quinzenais, como classificar uma plataforma de roupas que é capaz de em um único dia colocar 6.000 novas e diferentes peças em seu catálogo? A Shein está avaliada em cerca de 100 bilhões de dólares, valendo mais que a H&M e Zara juntas!

Por motivos óbvios, um modelo de negócio que se ancora na rapidez não pode funcionar com base no trabalho em condições dignas, tanto é que no centro de distribuição da Shein trabalham 10.000 pessoas em períodos de no mínimo 12 horas diárias e com apenas uma ou duas folgas por mês. As confecções que fornecem as roupas seguem o mesmo ritmo e precarização das relações de trabalho com jornadas de 12 horas, pagamentos por produção e nenhum contrato formal de trabalho.

* | A PRODUÇÃO DE ROUPAS NO BRASIL – ALGUNS RETALHOS

No Brasil, ainda que não tenhamos nenhuma empresa semelhante a Shein, o modelo de negócio da indústria da moda também se organiza através da lógica da flexibilização e fragmentação do processo produtivo, tanto nas grandes cadeias de varejo, como nas marcas de âmbitos nacional e/ ou local.

O segmento têxtil e de confecções ocupa um lugar importante na economia brasileira. Somos o quarto maior produtor de têxteis do mundo, o quinto maior produtor de vestuário, sendo também o quarto maior produtor de jeans e malha. Para se ter uma ideia do tamanho dessa indústria, só em 2018 foram produzimos 8,9 bilhões de peças de roupa!

Além disso, a indústria da moda no Brasil tem diferenças significativas em relação a maioria dos países ocidentais, dado que todos os elos da cadeia produtiva – o plantio do algodão, a produção de fibras, a tecelagem, o beneficiamento, a confecção, o varejo e os grandes desfiles de moda – se localizam em território nacional. Outra característica importante, e decorrente do tamanho e amplitude da indústria brasileira, é o fato de que a maior parte da sua produção se destina ao consumo interno.

Tal situação faz com que esse segmento produtivo seja o segundo maior gerador de postos de trabalho, sendo que 81,2% deles são no setor informal, ou seja, sem nenhum direito trabalhista ou seguridade social. A absoluta maioria das pessoas que compõe a força de trabalho desse segmento são mulheres.

Por ter a cadeia completa para a fabricação de roupas, as empresas brasileiras não deslocam para outros países as etapas do processo, até mesmo porque, desde os anos 1990, várias mudanças legislativas foram feitas de modo a permitir a flexibilização e precarização das relações de trabalho. Isso significa que a produção de vestuário no Brasil se baseia na mesma exploração do trabalho das mulheres.

Além disso, a indústria da moda brasileira inclui o segmento de produção de roupas para as camadas com menor poder aquisitivo. Esse é um segmento importante e que se origina do trabalho das mulheres que costuravam peças simples para a complementação da renda familiar.

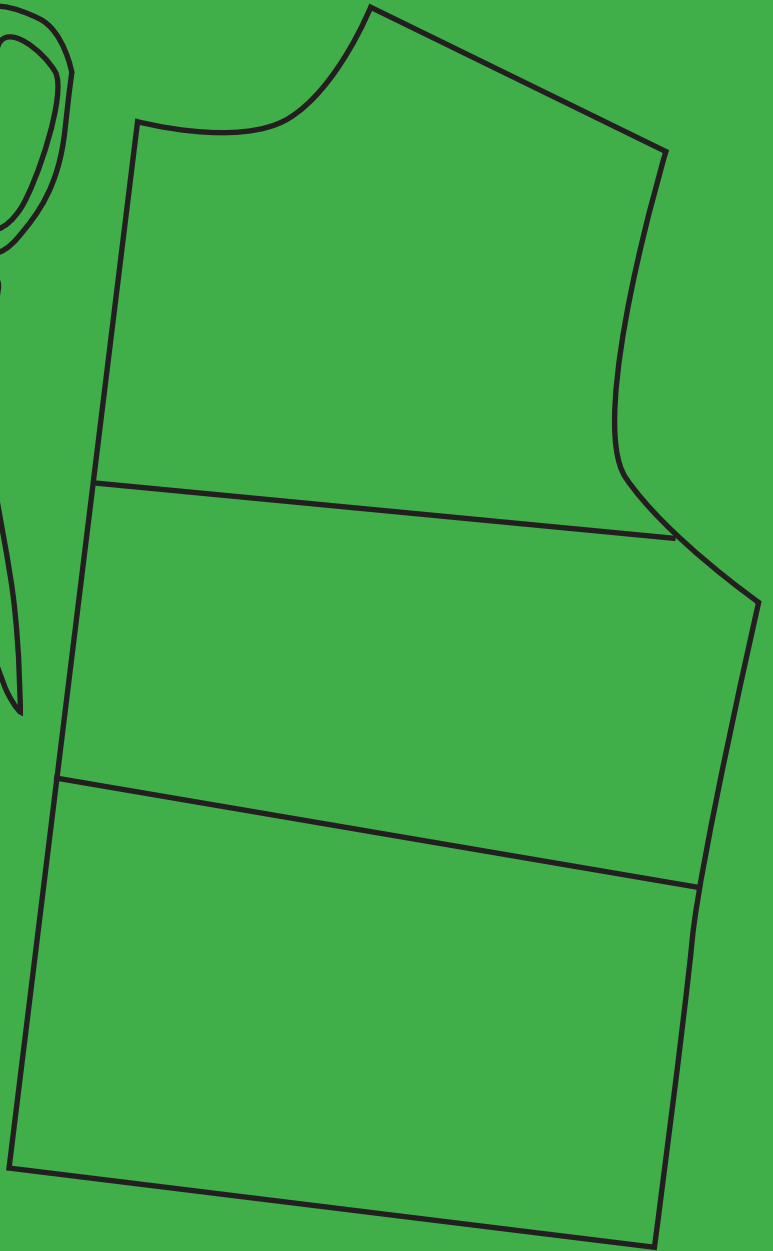
Durante muito anos foi um trabalho invisível realizado por costureiras nas áreas rurais, contudo as sucessivas crises econômicas, especialmente nos estados do Nordeste que produziam algodão, fizeram com que a venda de roupas deixasse de ser um complemento da renda, para ser a principal fonte de recursos para o sustento das famílias. Com tal expansão, começaram a surgir atravessadores para organizar a produção e lucrar com as vendas nas feiras e, conseqüentemente, as mulheres perdem sua autonomia para decidir o que fazer, como fazer e quanto cobrar por suas costuras.

Atualmente o segmento de produção e comercialização de roupas, pejorativamente denominado de “feirinhas”, estrutura a economia local de vários municípios em função do alto volume de vendas, mesmo sendo em mais de 80% dos casos totalmente informal em todas as suas etapas. Por ser um segmento de certo modo marginalizado, é até difícil acreditar que a cada semana circulem em torno de 150 mil pessoas nas feiras dos municípios do agreste pernambucano ou que as feiras de Fortaleza recebam compradores/as do Cabo Verde, da Guiné Bissau, do Suriname, fazendo com que também haja uma dimensão de importação, ainda que esta não seja contabilizada nas estatísticas oficiais sobre o comércio exterior em função de sua informalidade.

Como vocês podem perceber nessa breve introdução, a indústria da moda – com a conivência dos poderes públicos – oculta com o excesso de cores, modelos, enfeites, brilhos e textura a falta de direitos e dignidade para as costureiras.

As roupas que vestimos cotidianamente e descartamos com pressa para comprar outras tantas sem nos perguntarmos para onde elas vão (sim, a indústria da moda impacta negativamente o meio ambiente) são o resultado de milhões de horas das mulheres em suas máquinas de costura, sem tempo nem para respirar, com seus corpos doloridos, com a pressão dos contratantes a lhes causar ansiedade, com o medo de um pequeno erro botar seu sustento e de sua família em risco.

É por isso que convidamos vocês a ouvirem as vozes das costureiras, tanto nas histórias de vidas de quatro dessas mulheres, quanto das 87 outras que responderam a nossa pesquisa. Elas têm muito o que contar, nós temos muito o que pensar, aprender para construir com elas as possibilidades para que a moda possa ser, enfim, costurada com direitos.





3 HISTÓRIAS DE VIDA

*“NÃO HÁ PREOCUPAÇÃO,
NEM DOR QUE OS TECIDOS
E AS LINHAS NÃO ME FAÇAM
ESQUECER, A COSTURA
ME ALIVIA E ME DAR PAZ.”*

ROSANIRA SOUSA

O presente texto revela a caminhada de uma mulher costureira, parda, estatura mediana, muito sorridente, de fisionomia que aparenta nunca estar triste. Foi ela quem nos contou sua história: Rosenira Maria de Sousa, conhecida por Nira, filha de Dona Maria Josefa da Conceição (já falecida) e do Senhor Francisco Estevão de Sousa que ainda reside na mesma localidade em que Nira nasceu.

Nascida, criada e casada na comunidade de Jenipapo, ela se mudou mais tarde para a comunidade de Passagem Florida, localizada na zona rural do município de Viçosa do Ceará, situado no norte do estado à 350km de Fortaleza. Nira se casou aos 15 anos e aos 16 anos já era mãe, Ela justifica ter se casado tão cedo em função da perda prematura da sua mãe e por ter percebido que a sua madrasta não substituiu o amor e cuidados maternos.

Aos 24 anos, já com dois filhos, sai da comunidade de Passagem Florida, na zona rural, e vai tentar a vida na cidade, onde ficou por 30 anos, fazendo depois o caminho de volta para a região rural.

Nira é casada com José Inácio de Carvalho e tem dois filhos: Liduino José de Carvalho e Lindomar Sousa de Carvalho. Atualmente ambos são casados, têm filhos e netos. Lindomar, o mais novo, mora ao lado da mãe no sitio Pará, região rural de Viçosa do Ceará.

Nira começa nos contando um pouco sobre suas origens. Seu pai era agricultor e vendedor ambulante e até hoje, aos 88 anos, lúcido, vende mercadorias do Ceará para o Piauí. Sua mãe era costureira, doméstica e agricultora. Faleceu por volta dos 40anos de idade.

Sua mãe sempre estava fazendo costuras para a comunidade e Nira, com mais ou menos uns oito anos, aprendeu a arte da mãe. Ela era tão pequena que não conseguia sentar na cadeira e pedalar na máquina de costura, por isso ficava em pé. Ela tinha um enorme interesse pela costura, achava lindo ver a peça pronta e no corpo da cliente de sua mãe. Sua mãe costurava para todos, homens, mulheres e crianças, mas se dedicava principalmente as roupas para adultos.

O início da costura para Nira foi – aprendendo através das orientações de sua mãe – o trabalho com costura reta. Sua mãe cortava os tecidos e colocava em ponto reto, facilitando seu aprendizado. Ao terminar um trabalho, Nira logo perguntava onde devia continuar costurando, sua mãe fazia novas orientações e ela logo terminava a nova tarefa e sentia feliz por estar aprendendo. Os acabamentos das peças ficavam por conta de sua mãe. Nira destaca que muito do seu aprendizado se deu no fazer de suas próprias roupas e das suas irmãs.

As clientes de sua mãe sempre traziam os tecidos, os botões, o zíper, a linha e assim ela cobrava somente pelo seu trabalho. Nira nos conta que *“hoje em dia está mudado, pois as clientes trazem apenas os tecidos enquanto os aviamentos e acessórios ficam por conta da costureira”* No período dos festejos sua mãe madrugava costurando para dar conta das encomendas e assim tem um dinheirinho a mais.

A primeira roupa que Nira fez por completo foi um vestido para si mesma. Ela lembra com saudades: *“um vestido de cor azul com rosinhas vermelhas no meu corpo de menina. Um modelo simples, mas com pano lindo”*. Ela conta que pegou um vestido usado colocou por cima do tecido e cortou. Sua mãe tinha comprado o pano do seu vestido em Teresina (PI), pois sempre que viajava trazia alguns tecidos e materiais de costura para casa e assim as filhas tinham vestidos diferentes e bonitos.

Ao usar o vestido feito completamente por suas mãos Nira sentiu uma

enorme alegria, sensação de satisfação e de capacidade de aprender.

Ela lembra até hoje o que sua mãe lhe disse naquele momento: *“Ora, eu te disse que ia dar certo, era só começar devagarinho que tudo dar certo”*. Nira seguiu costurando roupas para ela e para suas irmãs e nesse caminho ia aprendendo novos detalhes.

Nira perdeu sua mãe para o câncer quando tinha apenas 12 anos, mas ficou como herança o aprendizado da costura e assim a possibilidade de fazer roupas para si, para suas irmãs e irmãos, e mais tarde sobreviver com esse ofício.

Mesmo quando sua mãe era viva, Nira não tinha feito costuras para homens. Um dia seu irmão a incentivou comprando um tecido para fazer uma calça. Sempre lembrando das orientações de sua mãe, ela colocou uma calça já usada por cima do tecido e conseguiu produzir a peça de roupa para o seu irmão.

Nira ficou com a máquina de costura de sua mãe por muitos anos, até conseguir ganhar dinheiro com a costura e poder comprar outra. Ela lembra muito bem dessa máquina: *“simples de pedal, leve, era uma Vigorosa, de cor verde”*. Nira nos conta ainda que a primeira máquina em que sua mãe costurava não tinha pedal, era manual, muito antiga, de cor preta. Ela recorda: *“a costureira tinha que segurar o tecido com uma mão para não sair do lugar, enquanto com a outra mão fazia a máquina funcionar girando a manivela, um descuido e o tecido já saía do lugar! A costureira tinha que ter muita habilidade e concentração, pois eram máquinas rústicas”*.

Nira usou a máquina Vigorosa que herdou de sua mãe por muitos anos até conseguir comprar uma nova máquina com motor pequeno e doméstica. Com o passar dos anos melhorou seu maquinário, adquirindo, com o dinheiro do seu trabalho, uma máquina semi industrial – uma Zoje de costura reta – e uma Overlok.

Quando teve o primeiro filho, Nira parou de costurar por um tempo devido aos cuidados com o bebê e a casa. Mas logo em seguida ela retoma o trabalho, afinal ela tinha um filho para criar e, portanto, a necessidade de mais recursos financeiros. Além disso, ela precisava costurar para

seu filho também, fazendo suas roupas com muita alegria e satisfação. Na comunidade de Passagem Florida, Nira costurava para muitas pessoas e assim aprimorava seus conhecimentos. Até hoje com modelo novo ela ainda tem um pouco de nervosismo, medo de errar, mas sempre dá certo. Em suas palavras: *“cortar o tecido, preparar a união das peças e costurar sem erros, quase sempre dá um pouco de tensão, mas fico feliz com o resultado final”*.

O cotidiano de Nira não era fácil: *“Até meio dia minha luta era na casa, depois do almoço eu ia para a máquina, parava só para fazer a janta e voltava a costurar. Muitas vezes dormia tarde e madrugava para dar conta das encomendas. No sitio onde morava todo mundo dormia cedo, mas eu tinha que terminar as costuras. No tempo da minha mãe era mais complicado, ela costurava à luz de lamparina, tornando o processo mais difícil”*.

O dinheiro da costura sempre foi usado para comprar os mantimentos para casa, ela mesma comprava nas bodegas, seu marido muitas vezes nem ia fazer as compras. Ainda hoje é sua responsabilidade fazer as compras de alimentos. Também fez reformas e comprou móveis para casa com dinheiro de seu trabalho.

Na vida de Nira suas conquistas estão muito ligadas a costura: *“Meu marido nunca se importava de comprar as coisas para as necessidades minhas e dos nossos filhos .O mesmo era com as coisas que faltavam em casa, ai eu comprava com o dinheiro das minhas costuras. Consegui comprar muitas coisas: cama, geladeira, fogão, televisão, guarda-roupa. Fiz até reforma na casa! Mas também eu ralei muito, teve um tempo, durou uns três meses, que eu quase não dormia, só costurando, ia dormir na madrugada e levantava muito cedo para dar conta. Ficava aperreada quando estava chegando o dia das entregas. Foi na época em que eu costurei as fardas das escolas, roupas para o hospital e fardas para funcionários da prefeitura. Foram muitas costuras e eu fazia tudo sozinha, coisas da casa, comidas e costurava sozinha, foi muito duro, mas recebi um bom dinheiro”*.

Nira conta que o preço da sua costura se baseia por baixo, comparando com um dia de serviço de uma pessoa que ganha pouco, pois não gosta de explorar. Ou seja, seu preço é baseado no valor recebido por quem

trabalha na roça. Ela nos diz que *“tem roupa que para fazer leva um dia, dois dias, mas não tenho muita base para botar o preço, aí vou calculando mais pelo valor dos aviamentos e acessórios que são colocados na roupa- o zíper, os botões, a linha, ilhós, lantejoulas, intertela e outros. Penso também no dia de trabalho de um agricultor-que hoje é R\$50,00 – e boto um valor um pouco abaixo”*, Nira nos informa que outras costureiras tomam o valor de uma diária de pedreiro – que hoje está entre R\$ 90,00 e R\$ 100,00 reais – como referência para o preço de suas costuras.

Quando seus filhos eram pequenos e seu marido trabalhava na roça, Nira precisou costurar bastante, pois como ela nos conta: *“precisamos de dinheiro para os alimentos que não são produzidos na roça, só vende legumes da roça quem trabalha muito, quem tem muita terra, mas o pequeno trabalhador rural só trabalha para seu sustento”*. Assim o dinheiro ganho com a costura era gasto completando a alimentação, ou seja, comprando a mistura para o almoço (carne, ovos, etc.).

Outro tempo de muitas costuras aconteceu quando ela e sua família mudaram do sítio para a cidade. Nira costurou muito nesse período, pois o marido não encontrou logo um trabalho e o sustento da família dependia só dela.

A costura tem um lugar muito especial na vida de Nira, não só por lhe dar o sustento. Vejam o que ela nos diz:

“Tive momentos na minha vida que aquilo [costura] me fazia esquecer as coisas ruins. Era bom para minha cabeça costurar. Eu ficava costurando, o tempo parecia que passava mais rápido, me ajudou muito, me fazia esquecer todos os problemas e era bom para mim. Passei momentos em que quando meu marido bebia, ele começava a me perturbar. Certa vez eu tinha uma encomenda de um vestido de festa muito cheio de detalhes e ele ficava me perturbando, pois, a cachaça já estava afetando o juízo dele. Ficava me chamando, fechando as portas, mandando eu largar a costura, dizendo que aquilo não era serviço para ninguém. Mas eu tinha que terminar o vestido e dentro de casa não tinha como eu terminar, ele me inquietava muito. Eu me perguntava: e agora? Como faço para terminar esse vestido? Foi aí que minha cunhada percebeu que eu não tinha como terminar o vestido daquele jeito e tive que aceitar o convite de ir costurar

na casa dela. Voltei para casa tarde da noite e ele já estava dormindo. Fui fazer os afazeres de casa sossegada e me sentindo bem por terminar a encomenda do vestido”.

Em outros momentos, Nira precisava esperar o marido dormir para fazer suas costuras, porque ele bêbado sempre incomodava, atrapalhava e perturbava sua concentração. Quando ele dormia, ela costurava até altas horas e embora sentisse sono era melhor do que ouvir os incômodos dele, pois precisava de concentração para fazer os detalhes da costura.

Foi um tempo muito difícil, ela diz não desejar para ninguém viver essa experiência de trabalhar com um marido alcoólatra por perto. Muitas vezes ela nem gosta de se lembrar desses momentos de sua vida de tão difícil que foi, mas felizmente ficou no passado, como ela nos conta:

“Venci, graças a Deus! Foi um período de muitos efeitos ruins causados pelo alcoolismo, eu tive até que ir para Teresina para casa de meus parentes. Quando estive por lá, ele adoeceu, foi internado e ao sair do hospital ficou se recuperando na casa de uma irmã del. Ela me ligou dizendo que ele não estava mais bebendo. Retornei para casa e nesse período ele passou 12 anos sem beber, graças a Deus! Agora retornou a beber, porém com menos intensidade e frequência que antes”.

Outras dificuldades vividas por Nira estão relacionadas à sua saúde. Um médico que ela consultou lhe disse que os movimentos repetidos no trabalho da costura lhe causaram problemas de saúde. As dores nas mãos aumentaram tanto que Nira precisou se submeter a uma cirurgia em função de ter desenvolvido a Síndrome do Túnel do Carpo. Seu médico também lhe disse que se ela não operasse poderia perder os movimentos da mão.

Antes de fazer a cirurgia, mesmo sentindo dor, Nira ainda trabalhou bastante para juntar dinheiro, pois ia ficar um período parada e costurar é a única coisa que ela sabe fazer para ganhar dinheiro.

Outros aborrecimentos às vezes são causados pelas clientes que ficam procurando defeitos para reclamar, em momentos assim Nira já teve vontade de desistir! Ela nos conta duas histórias como exemplos:

* | NÃO SEI FAZER MILAGRES

“Logo que cheguei aqui em Viçosa do Ceará eu quase não conhecia ninguém. Um dia me apareceu uma senhora de certa idade encomendando um vestido. Ela a era meio gordinha e ao receber o vestido feito, não gostou dele. Segundo a mesma o vestido não tinha cintura. Ela reclamou bastante ao vestir e me perguntou o que eu ia fazer para a roupa ficar acinturada. Eu via ali na minha frente que a cliente não tinha cintura, aí eu expliquei que não podia fazer cintura se o corpo dela não tinha! Ela saiu da minha casa dizendo que eu não ia mais costurar para ela, aí eu respondia que não ia mesmo, pois eu ainda não sabia fazer milagres”.

* | NÃO SEI ADIVINHAR

“Um dia recebi a encomenda para fazer um vestido. A cliente me mandou dois tecidos e o modelo riscado, com único traço, sem detalhes. Aí eu pensei: e agora como vou fazer essa roupa, sem ver os detalhes desse vestido? Isso tornava meu trabalho difícil, se tivesse uma revista, uma foto do modelo, mas mesmo assim fui trabalhar na encomenda. A cliente não veio pegar a roupa, mandou outra pessoa para pegar o vestido pronto. Passando algumas horas ela ligou e me disse que o vestido não era daquele jeito, o modelo era diferente. Eu respondi dizendo que como o modelo que ela mandou era impossível eu perceber os detalhes do vestido. Fiquei chateada por não satisfazer minha cliente, mas com a consciência tranquila, pois ainda não sei adivinhar”.

Por fim, Nira compartilha conosco um pouco de seus desejos: *“Eu sempre tenho vontade de fazer minhas coisas, minhas costuras, de viajar, passear, de ir as minhas consultas sem preocupação com a entrega das encomendas das costuras. Tenho dispensado muitas coisas na minha vida por estar presa as minhas costuras. Agora meu marido já está aposentado, eu estou me preparando para me aposentar e por isso estou diminuindo um pouco minhas costuras. Muitas vezes fico pensando que tenho deixado de fazer muitas coisas para mim, por conta das clientes. Eu tenho muitas costuras minhas guardadas há anos e sem tempo para fazer, pois o tempo não tem permitido. E eu sei e desejo fazer costuras para mim, mas parar totalmente de costurar para minhas clientes não tem sido fácil. Sempre vem uma pedindo para costurar só aquela roupa e eu acabo cedendo e costurando. Não posso dispensar de uma só vez, afinal foi com a costura que realizei muitos dos meus sonhos para a família”.*

Nira também quis deixar uma mensagem para as pessoas que estão pensando iniciar no ramo das costuras: *“Embora eu tenha tido alguns aborrecimentos, alguns problemas de saúde, a costura mais me ajudou do que trouxe problemas. Por isso sempre digo que ela é muito boa. A melhor coisa do mundo é a gente saber fazer as coisas, mesmo que a gente não costure para os outros de fora, costuramos para casa. Não é uma profissão ruim. Hoje muitas pessoas só querem estudar, se formar para outras coisas e acham que não vale apenas se dedicarem à costura. Mesmo com a chegada das lojas de roupas baratas, de R\$ 10,00 reais, minhas costuras não diminuíram em nada, porque eu faço meu trabalho bem feito e essas costuras das lojas não são bem-feitas, não são bem-acabadas, deixam muito a desejar, até mesmo as roupas que estão nas lojas caras, ainda tem seus problemas. E as costuras feitas em casa, são mais baratas, por isso nunca me faltou trabalho. A história da minha vida aqui contada, foi resgatada em algumas partes, as emoções, os choros e os aborrecimentos ficaram no passado, algumas coisas não desejei viver, outros momentos de alegrias vindos das minhas costuras devem ser repetidos, assim espero”.*

Viçosa do Ceará, 31 de agosto de 2021



**PARTILHAR, ESPALHAR,
TROCAR: A HISTÓRIA DE
LUCIVALDA PAIXÃO**

Lucivalda é uma mulher negra, de 44 anos, mãe, esposa, costureira e moradora do Jangurussu na cidade de Fortaleza, no Ceará. Val, como ela gosta de ser chamada, sempre gostou de costurar, tanto que aos 10 anos já costurava à mão. Fazia roupas para a mãe, desenhava com esmalte nos tecidos e customizava roupas com os poucos materiais que tinha em casa. Criava roupas, costurava e adorava usar a imaginação nas brincadeiras de costura.

Sua mãe nunca chegou a lhe ensinar a costura, mas Val conta que aprendeu sozinha observando o trabalho dela e assim começou a costurar na máquina da mãe aos 12 anos. Enquanto as irmãs brincavam debaixo da máquina girando a roda como se fosse um carro, seu interesse com a máquina era costurar. Mas apesar de ter começado bem cedo, Val nunca pensou que fosse ser costureira.

Em 2002 em um projeto social de uma organização no bairro vizinho, Val fez seu primeiro curso de costura. Na época ela estava grávida de sua filha e sabia que precisava de um diploma. Embora ela já soubesse costurar, decidiu fazer o curso de máquinas industriais por conta do diploma. Ela conta que não teve dificuldades, sabia que tinha um dom para a costura. Depois de um tempo apareceu outra oportunidade – dessa vez pelo Banco Palmas – e Val fez seu segundo curso de costura.

Lucivalda começou a trabalhar com a costura quando estava grávida de

sua filha. Na verdade, ela foi contratada para o trabalho doméstico, para os cuidados com crianças e com a casa. Quando a patroa soube que ela costurava, Val começou a fazer pequenas costuras, como fazer calcinha para crianças.

Depois disso começou a trabalhar em facção. Trabalhou para os outros por muito tempo. Saía de uma facção, entrava em outra, até que conseguiu comprar as próprias máquinas. Ela sempre sonhou em ter a própria máquina em casa por conta da comodidade, conciliando o trabalho com a costura com o trabalho de casa e os cuidados com a filha.

O começo foi de muito perrengue. Val e sua irmã começaram a costurar em casa com muitas dificuldades, pois não tinham dinheiro, mas tinham muita coragem. As duas ansiavam comprar uma máquina interlock, conversaram com a pessoa que queria vender, mas não tinham dinheiro nenhum.

Lane, a irmã de Lucivalda, conta que o pai de seu filho nunca havia aparecido. Desde que o filho nasceu, o pai desapareceu e nunca ajudou, nem contribuiu financeiramente com nada. Até que um dia ele aparece e paga a primeira e única pensão de seu filho. Na semana seguinte o pai de seu filho faleceu. O dinheiro veio de maneira inesperada, trágica, mas no momento certo. Com a pensão paga, Lane e Lucivalda compraram sua primeira máquina de costura.

Todos os dias Val acorda às 05:00. Sua rotina começa com jornal e merenda. Depois que o marido sai para o trabalho ela começa a costurar, por volta das 7:30 e vai até as 11:00, quando faz uma pausa para preparar o almoço. Val trabalha na costura cerca de oito horas por dia. Além do trabalho com a costura é ela quem cuida da casa, resolve os problemas fora de casa, cuida da saúde de todos da família e se vira nos trinta todos os dias para manter comida feita, casa limpa, roupa lavada e banheiro limpo. Além disso, tem a dedicação com os estudos, pois Val faz curso de libras e está voltando a estudar para prestar o vestibular depois de quase 20 anos sem estudar.

Val conta que já passou por muitas dificuldades no trabalho com a costura, lembra que o motor de uma das suas máquinas já chegou a pegar fogo, foi um grande sufoco! Depois de todo esse tempo trabalhando

com a costura, em 2019 desenvolveu uma bursite no ombro e precisou parar de costurar para cuidar da saúde.

Apesar de querer voltar a trabalhar costurando não quer mais trabalhar em facção, porque não ver vantagem: *“você monta uma peça inteira, cheia de detalhes e todos eles querem pagar R\$ 2,00, R\$2,50! Tem uns que oferecem R\$ 1,80 numa peça inteira, sendo linha e energia tudo seu, né?”* Além disso, Val relata que as cobranças são muitas, muitas exigências e muito prejuízos caso haja algum erro pequeno. Por muito pouco é necessário desmanchar a peça e fazer tudo de novo. Cada vez mais a exigência é que o trabalho seja feito no menor tempo possível, não querem saber se há condições para isso, se a máquina quebrou, se houve algum imprevisto. O que importa é entregar o serviço no prazo estipulado. Val costura junto com sua irmã, Lane, que também contou sobre as dificuldades do trabalho na costura: *“são serviços pagos por produção. Mas a pessoa que deu as peças não quer saber se a máquina precisa de uma manutenção. O dinheiro só vai ser pago quando as peças forem entregues”*. Outro problema relatado por elas é que as contas de energia estão cada vez mais caras, mas os fornecedores não deixam aumentar o valor da peça: *“Faz muito tempo pagam o mesmo preço. A linha aumentou, aviamento aumentou, mas a nossa remuneração por peça continua o mesmo preço”*.

Quando aparece alguma encomenda individual o trabalho da costura também não é valorizado, pois a maioria das pessoas tem como referência as roupas da feira e querem pagar num vestido feito por elas o mesmo preço de um vestido da feira. Não valorizam o trabalho da modelagem personalizada e as costureiras acabam saindo no prejuízo.

Muitas vezes o trabalho da costura precisa ser dividido com a casa toda. Todos da família se envolvem para tentarem entregar as peças à facção sem atraso. Uma corre para terminar o acabamento, o esposo vai limpando as peças, a mãe vai contando, a filha vai colocando o passador, outro vai colocando o botão e assim vai.

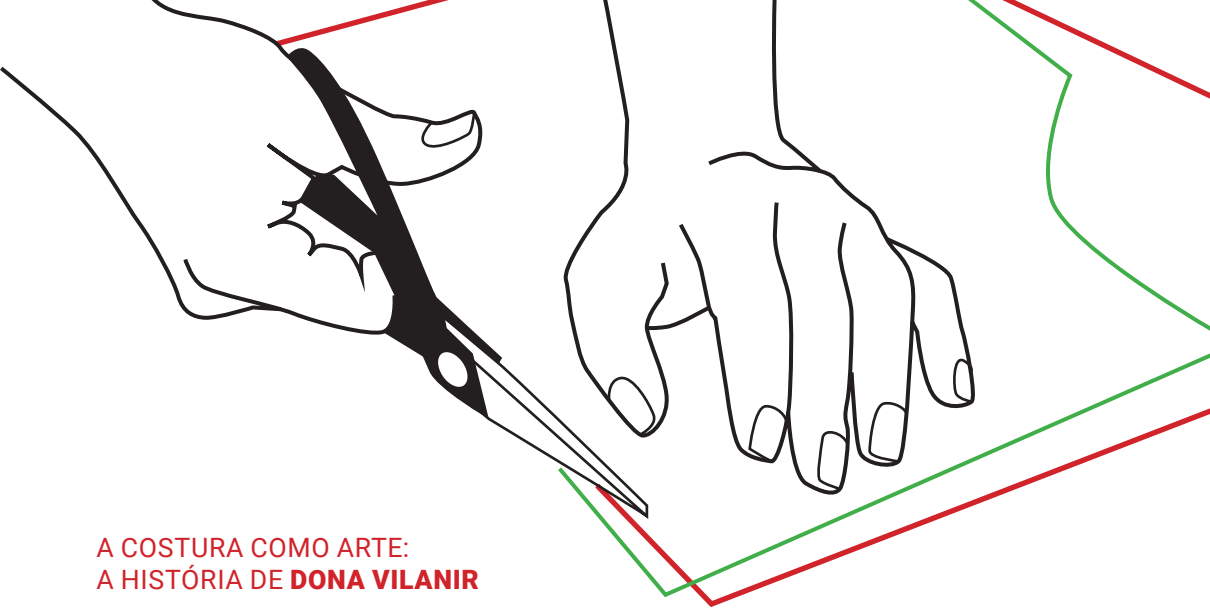
Val também conta dos benefícios do trabalho com a costura e diz que conseguir pagar as contas é uma das grandes conquistas. Graças a costura Val tem um trabalho e pode arcar com algumas despesas da casa.

Sua primeira grande conquista foi comprar uma máquina overlock. Quando começou a trabalhar com a costura ela não era casada e todo o sustento para a sua filha vinha graças a costura. Além disso ressalta “*há o prazer de ver a peça toda cortada e quando vejo ali toda feita, aí penso: tá lindo, fui eu que fiz. Entendeu? Dá gosto de ver*”.

Val e sua irmã falam sobre o sonho de montarem juntas um negócio próprio, terem uma confecção, a própria marca. Esse é um sonho antigo, desde que começaram a trabalhar. Val também deseja fazer um curso de modelagem para poder criar as próprias peças, como quando era criança. O desejo de fazer o curso vem muito do seu apego por detalhes, por isso ela quer aprender a criação da peça desde o início.

Val também sonha em ver sua filha formada. É a filha única, de quem se orgulha muito por sua determinação e sua vontade de aprender. Val sonha poder ajudar a filha com planos de futuro e também faz planos de montar um negócio com a filha na área da estética.

Outro sonho é aprender a dirigir e entrar na universidade. Seu desejo de evoluir lhe colocou diante dos livros novamente depois de 20 anos sem estudar, afastada de tudo. Val está estudando para prestar o ENEM e diz estar cavando seu alicerce, pois esqueceu muitas coisas e está começando do início. Ela sonha com sua formação e está correndo em busca disso todos os dias. Ela quer ser pedagoga. Sonha em pode ajudar as pessoas com o que aprendeu. Partilhar, espalhar, trocar. Não tem dúvidas de que essa é sua missão no mundo.



A COSTURA COMO ARTE: A HISTÓRIA DE **DONA VILANIR**

Esta é a história de Maria Alencar Neta Pereira, mais conhecida como Dona Vilanir. Natural da cidade de Icó, interior do Ceará, nascida em 29 de agosto 1955, separada, mãe de Virlene e Cristiano e avó de Vitoria e Cristhian. Aqui ela conta em suas palavras, um pouco de sua trajetória de costureira.

“Tive 12 irmãos. Somos uma família muito unida, mesmo depois de adultos, cada um na sua casa, ainda nos reunimos aos domingos para conversar, pedir a opinião uns dos outros em coisas do nosso dia a dia.

Ainda criança, via minha mãe e minhas tias costurando. Comecei a me interessar e desde então já via aquilo como uma arte. Foi quando uma de minhas tias vendo meu interesse, resolveu me ensinar. Ela costurava divinamente.

Aos 14 anos dei início às costuras. Costurei até os 20 anos, casei e mudei para Fortaleza. Para ajudar nas despesas, fui trabalhar no restaurante do meu irmão. Trabalhei por oito anos e tive uma alergia muito séria nas mãos devido ao uso de produtos de limpeza. Mas eu gostava mesmo era de costurar e ao chegar em casa ia fazer algumas costuras. Costurava até aos domingos e por 14 anos fiz fardas de restaurantes e igrejas.

Trabalhei durante alguns anos também em três confecções, mas devido a vida familiar, responsabilidades com filhos e marido passei a trabalhar

em casa. Aos poucos consegui comprar seis máquinas e pegava as peças nas confecções. Tive costureiras que trabalhavam comigo em jeans e lingerie. Durante algum tempo também costurei para fora do estado do Ceará.

Minha rotina diária era: pela manhã, como dona de casa, cuidava dos filhos e do lar e a tarde me dedicava a costura, às vezes até as 19:30 e em outras até 22:00. Durante seis anos costurei peças íntimas por conta própria, junto com a minha irmã.

Tive alguns constrangimentos com essa profissão, como por exemplo, cheguei a não receber pelo trabalho feito e com isso tive prejuízos. Logo que cheguei a Fortaleza, ia a lojas como Xepinha, Esplanada, C. Rolim para comprar os tecidos aí as pessoas escolhiam as peças e na hora de pagar iam embora, algumas paravam de falar comigo. Até hoje casos assim acontecem, aqui mesmo nessa casa, aqui no São Cristóvão, uma mulher que tinha encomendado algumas peças, veio buscar e quando entrei em casa para pegar algo, ela foi embora levando as peças sem fazer o pagamento.

Costurávamos paletós, calça. Sempre fui muito perfeccionista, então sempre estava de olho nos acabamentos e quando achava algum erro ou algo que pudesse ser melhorado, aguardava as costureiras que trabalhavam comigo irem embora e ia fazer os ajustes.

Tive um prejuízo de 70 camisas, no período do falecimento de meu pai. Precisei deixar o serviço nas mãos de outras pessoas. Deixei tudo cortado, elas deviam apenas terminarem a gola e as mangas. Quando voltei vi que tinham feito errado, precisei comprar os tecidos novamente e refazer, já que tinha recebido o valor acordado adiantado.

Agora na pandemia do COVID-19 tudo parou, antes eu trabalhava e conseguia tirar o sustento com a costura, hoje não é mais possível, o mercado cresceu desigual, existem lojinhas no bairro que vendem peças até por R\$ 9,99, ou seja, bem mais em conta que mandar fazer.

Ainda faço pequenas costuras, continuo na rotina de cuidar da casa pela manhã e à tarde me dedico a costurar. Faço conserto e algumas

encomendas de peças variadas. Não tenho mais a mesma agilidade de antes, cheguei a trabalhar 24 horas seguidas, desenhava, cortava e costurava.

Ainda na época que eu trabalhava no restaurante, desenvolvi alergia a camarão, infeccionou minhas mãos, acabou ferindo e precisei fazer um tratamento. Por causa disso, engordei bastante e fiquei com problema na coluna que se agravou para hérnia de disco. Passei mais de dois anos sem trabalhar, não conseguia sentar na máquina para costurar por conta das dores na coluna. Até hoje tenho um pouco de dificuldade, preciso fazer uma cirurgia na vista, tive alergia ao tecido que usava para confeccionar as lingerie. Abandonei esse tecido para evitar nova crise.

Quando voltei a trabalhar com costura sofri um acidente. Tinha pegado uma encomenda de algumas peças temáticas e precisei comprar um material que faltava, quando estava atravessando a rua uma moto me atropelou e acabei machucando minha perna. Até hoje isso me incomoda um pouco.

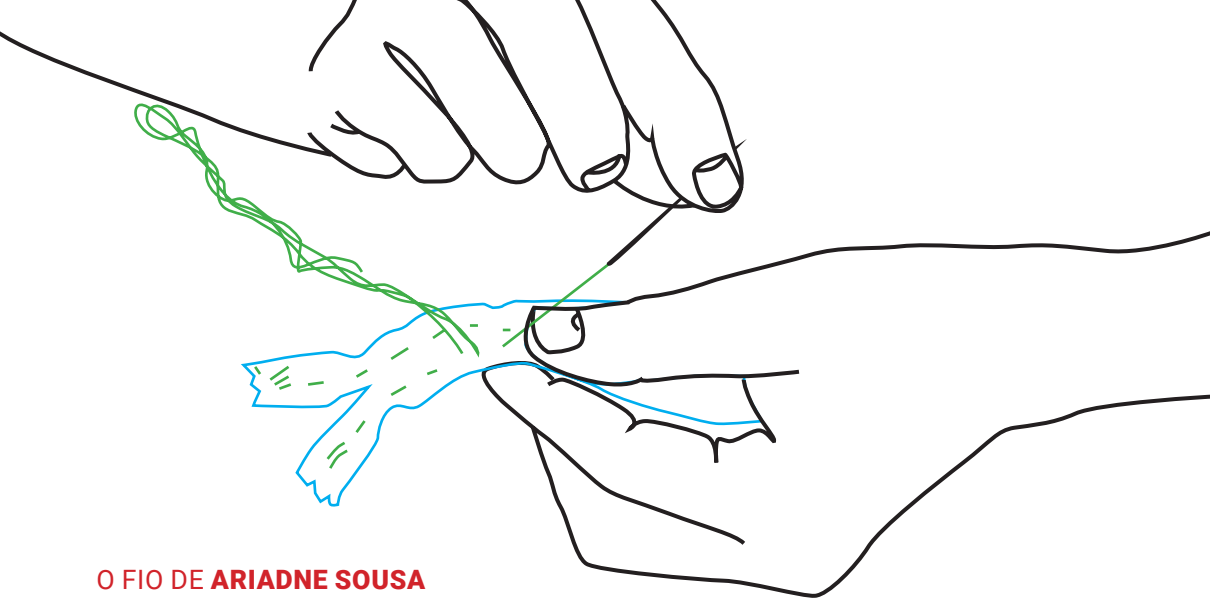
Tudo que construí na vida foi com a costura, criei meus filhos, comprei minhas máquinas, tenho minha casa e devo tudo ao meu trabalho.

Antes da pandemia, era possível viver da costura, tinha uma pessoa que morava comigo, a Geralda, conseguia pagar a ela para me ajudar, sustentava minha casa, pagava as contas sem problemas. Agora com todo esse aumento de custos ficou mais complicado, mas não pretendo deixar de costurar.

Hoje trabalho mais com pequenos consertos, as grandes fábricas fazem as roupas que eu fazia antes e as pessoas vem para que eu possa consertar, já que só uma costureira que se dedica a cada peça pode fazer bem feito. As lojas não têm o mesmo cuidado que temos em escolher material para fazer os acabamentos.

Espero ainda viver muitas coisas, ver meus netos casarem, ver o mundo mais igual pra todo mundo, onde todos possam viver de uma forma justa.

Gostei da oportunidade contar minha história, de mostrar que com nosso trabalho a gente pode ter uma boa vida.”



O FIO DE ARIADNE SOUSA

“Meu nome é Ariadne Sousa de Oliveira, tenho 38 anos e nasci em Fortaleza, Ceará. Sou uma mulher negra e mãe solo de dois filhos, David Oliveira e Gabriel Lucas. Gabriel foi assassinado em 2016 dentro do contexto de abandono e de violações do Estado com relação à juventude nas periferias de Fortaleza.

Tive contato com o saber da costura muito cedo, pois minha mãe era costureira e produzia em casa. Sendo ela a minha referência, aprendi a costurar com 15 anos de idade. Com 16 anos tive meu primeiro filho, Gabriel. Nesse período eu estudava no 1º ano do chamado à época 2º grau. Então, tive que parar os estudos para entrar na minha primeira experiência de trabalho formal com costura. Foi no ano de 2000, eu estava com 18 anos de idade, e fui trabalhar em uma fábrica de calçados. Trabalhei lá como auxiliar de produção por quatro anos. Após sair da mencionada fábrica tive a oportunidade de participar de um curso de costuras básicas onde aprendi a colocar elásticos, pregar bolsos em roupas etc.

No período em que fiz esse curso, em 2004, aprendi também a costurar bolsas. A professora perguntou se já queria praticar essa técnica e logo aceitei, pois me identifiquei muito com esse trabalho, então, me aperfeiçoei cada vez mais, aprendendo a fazer vários tipos de bolsas. Naquele momento, porém, eu não tinha clientes e a necessidade de manter meus filhos falou mais alto do que o sonho de trabalhar por conta própria. Por isso tive que voltar a trabalhar para empresas e parei de produzir de

forma independente. No final de 2004 comecei a trabalhar em uma fábrica de costurar sofás de couro e fiquei lá até 2006. Em 2007 trabalhei em uma fábrica de sandálias e bolsas, ficando lá até 2009. No ano de 2009 entrei na Guararapes Confecções, uma fábrica de roupas, ficando lá até 2012.

No ano de 2012 a cooptação e apreensão do meu filho Gabriel afeta intensamente a minha rotina no mercado formal e me vejo na necessidade de estar mais em casa. Por isso, decidi sair da fábrica em que estava e comprar minhas máquinas com os recursos dos direitos trabalhistas.

Com as máquinas em casa, comecei a trabalhar com encomendas de facções, ou seja, as pessoas traziam as peças já cortadas e minha tarefa era montar e entregar todas prontas. Esse tipo de trabalho é muito complicado porque o valor de cada peça é muito barato e, infelizmente, nós costureiras não paramos muito para avaliar o custo de tempo, o quanto se gasta com linhas, energia etc. Os patrões já trazem o preço estipulado e não temos como recusar, já que precisamos do dinheiro para manter a família. Então, passei quatro anos trabalhando dessa forma, mas sempre com a mente voltada para o meu sonho de produzir minhas próprias bolsas, que era o que mais gostava de fazer.

Em 2016 a perda do meu filho Gabriel foi um divisor de águas na minha vida. Conheci outras mães como eu, vindas de lugares que são atravessados por violações do Estado e me integrei no Coletivo Vozes de Mães e Familiares do Sistema Socioeducativo e Prisional. As andanças com esse grupo me ajudaram a ressignificar a minha dor. O processo de cura da dor me fez perceber a necessidade de estar mais presente na vida do meu outro filho e de realizar o meu sonho antigo. Ainda nesse ano, mesmo com poucos recursos, me lancei ao desafio de começar a minha própria produção de bolsas. Aos poucos consegui clientes e organizei minha rotina.

Sempre procurei imprimir uma marca minha nas produções, algo original e que não estamos acostumadas a ver nos produtos das grandes fábricas. Quando recebi um tecido africano vi que ali poderia fabricar bolsas com tecidos diferenciados e originais e desde então tenho seguido nesse estilo. Comecei fabricando e vendendo de forma autônoma e ambulante na avenida do meu bairro. Ao longo do tempo deixei de produzir apenas bolsas, fabricando também carteiras, sandálias, vestidos, turbantes, brincos, dentre outros acessórios.

Os tecidos com os quais trabalho vêm da Guiné-Bissau e do Senegal. Eles são trazidos por africanos que migram para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Estabeleci o primeiro contato com esses fornecedores nas andanças pelo centro de Fortaleza, onde eles vendem muitos produtos vindos da África. De certa forma, esse é um mercado alternativo para pessoas que estão à margem do capitalismo e que escrevem uma história diferente do processo colonizador e escravizador: uma microempreendedora negra e periférica cearense comprando sua matéria-prima de fornecedores negros africanos imigrantes. Uma travessia feita entre África e Brasil, não mais tendo como base a escravidão, mas o empreendedorismo de acessórios afro.

Compro, em média, de cinco a dez tecidos com 05 metros e 40 centímetros, a R\$210,00 cada um. Além do preço, as peças têm para mim um valor cultural e identitário, pois não se trata de qualquer tecido, eles remetem a técnicas africanas antigas de fabricação (com uso de desenhos e de cores originais) e à minha própria ancestralidade. Pensando nos designs dos acessórios e na produção de cada um deles, acrescento ao preço e ao valor dos tecidos a minha criatividade e a minha energia artesanal. Digo isso porque um dos maiores desafios do meu trabalho é quando a clientela tenta baratear o produto por ele não carregar a marca de uma grande empresa, ignorando toda a sua história. Ou seja, o preço que algumas pessoas esperam pagar pelos meus produtos não corresponde ao valor equivalente a toda história que eles carregam.

Através de uma amiga entrei em contato com uma rede de mulheres negras que empreendem em produções com o estilo afro (bonecas, roupas, turbantes etc.) e organizam feiras em Fortaleza, a Rede Kilofé. Mostrei meu produto para elas e fui incluída no grupo. Após três anos o grupo se desfez e foi formada outra rede de fortalecimento para afro empreendedores – a Feira Negra de Fortaleza. Através dessa rede aprendi a empreender de fato, entendendo o custo de cada peça, seus custos fixos e suas variações.

Há exatamente cinco anos trabalho por conta própria, fazendo o que mais amo: fabrico minhas bolsas, as divulgo e vendo através do Instagram @ariartcomtecido. Também participo das feiras de mulheres negras empreendedoras.

A minha rotina de trabalho atualmente é prazerosa porque faço o que gosto, mas não deixa de ser árdua, dada a valorização que dou a esse empreendimento próprio e, portanto, dou bastante energia e dedicação a essa rotina. Trabalho a semana toda das 13:00 às 22:00 e tenho dias alternados para estar nas feiras. O processo de venda acontece por rede social e através das feiras, que atualmente voltaram a acontecer.

De modo geral, avalio a minha experiência como costureira como sendo boa, mesmo quando tive que passar pelo trabalho explorador das fábricas e prestar serviço terceirizado para as facções, pois isso me fez aprender muitas coisas e a valorizar cada vez mais a minha habilidade.

É muito bom trabalhar com o que se gosta, especialmente após a dor pela qual passei com a perda do meu filho. A prática da costura deixou de ser somente uma habilidade e um meio de sustento e passou também a ser uma terapia e uma forma de estar mais presente na vida do meu outro filho, David, seja para manter suas necessidades materiais, seja para dar a atenção e o afeto que um trabalho que depende dos outros, com sua pressão e prazos, não permite dar.

No início de 2020 chega a pandemia da COVID-19 e isso afetou bastante na minha produção porque a travessia dos tecidos africanos e as feiras presenciais ficaram impossibilitadas, diminuindo significativamente a venda das bolsas. Foi nesse momento que tive que me adaptar ao formato virtual de vendas.

Em dezembro de 2020 – após quase um ano de dificuldades ocasionadas pela pandemia da COVID-19 – através do Coletivo Vozes de Mães e Familiares do Sistema Socioeducativo e Prisional, nos chegou o convite do Projeto Costurando Moda com Direito, uma iniciativa do Fundo SAAP da ONG Fase. O Coletivo submeteu sua proposta no dia 15 de janeiro de 2021 e conseguiu ser contemplado. Em 09 de fevereiro o recurso foi liberado para a primeira etapa do Projeto. O recurso foi utilizado com ajuda humanitária, deslocamentos para encontros presenciais, compra de materiais eletrônicos e de multimídia e materiais de escritório. A partir de junho a segunda etapa do Projeto foi desenvolvida com encontros entre as mulheres e com o Fundo SAAP, oficinas de formação em formato remoto e essa entrevista voltada para a construção da desta história de vida.

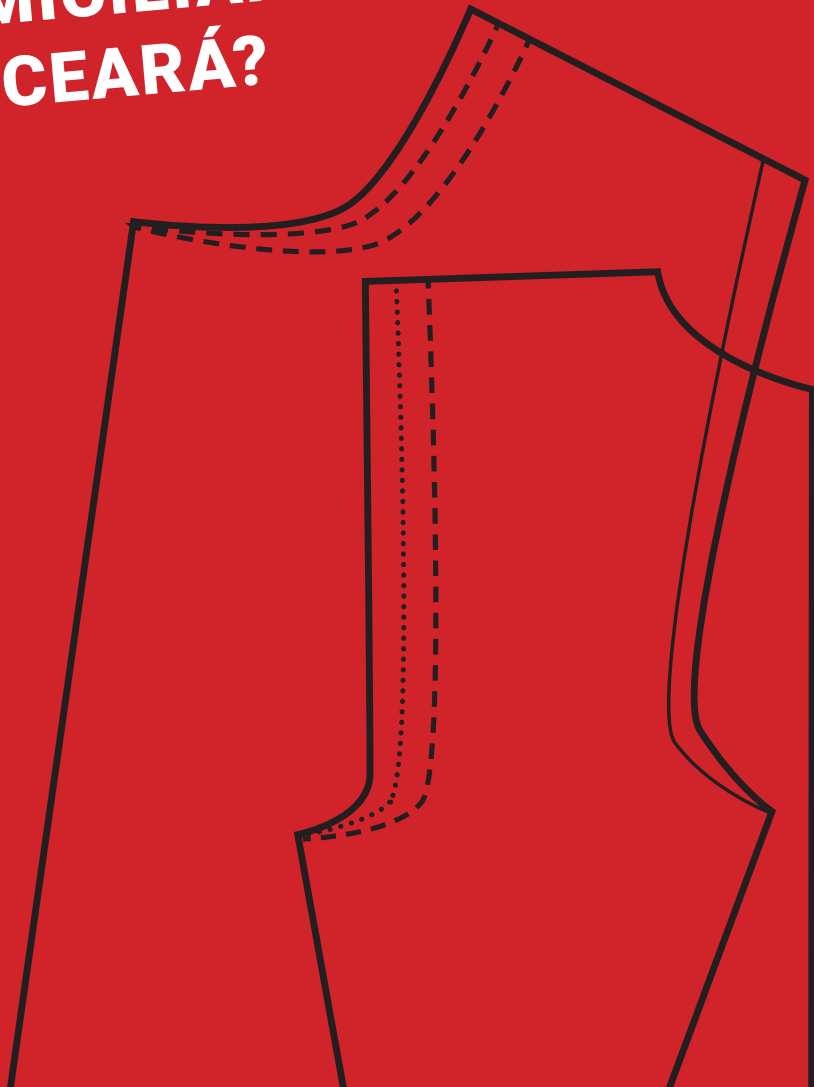
É imensurável o impacto positivo que o Projeto Costurando Moda com Direito teve na minha vida de costureira, tanto porque ajudou em um momento de dificuldades financeiras por causa da pandemia, quanto porque ampliou meus horizontes de conhecimento sobre o mercado da moda no geral, pois as oficinas tratavam de assuntos desde a matéria prima à venda dos produtos. Isso me ajudou a me encontrar dentro desse processo que tantas vezes nega nossos saberes, cultura, subjetividades e direitos.

As minhas aspirações para o futuro são expandir meu negócio e conseguir repassar tudo o que aprendi, ou seja, a arte da costura, para que assim como eu outras mulheres consigam se manter e não passar a vida inteira exploradas por empresas onde a mão de obra é muito barata e os lucros são enormes para os grandes empresários.

Termino essa escrita fazendo uma analogia proporcionada pelo nome que minha mãe me deu, Ariadne. Talvez ela nem soubesse que Ariadne é uma personagem da mitologia grega e que o seu fio ajudou Teseu a retornar do labirinto após derrotar o monstro minotauro. Talvez ela nem soubesse também que esse mito é utilizado pela filosofia como uma metáfora sobre o labirinto da jornada interior humana e o fio que nos conduz ao autoconhecimento. Por coincidência ou destino recebi esse nome e tenho tecido fios em toda a minha trajetória, fios de sustento, fios de amor, fios de dor, fios de sonhos, fios de superação. Despertando para isso hoje eu ressignifico a mitologia com o meu próprio fio de vida, para que ele possa ajudar a encontrar um caminho alternativo ao sistema que ainda explora e viola o trabalho das costureiras.

Ressalto que quando fui chamada a escrever minha história saí da minha zona de conforto, pois na rotina não costumo parar para pensar sobre tudo isso, sempre estou produzindo. Além de tudo o que o Projeto me proporcionou entre 2020 e 2021, na contracorrente dos problemas de uma crise sanitária, ele me desafiou também a me reconectar com a minha própria vida. Ouso dizer que essa foi uma jornada de autoconhecimento, autocuidado e partilhas. Esperançamos a partir daqui a possibilidade de costurarmos mais histórias com direitos.”

**VAMOS CONHECER
UM POUCO SOBRE
AS CONDIÇÕES
DE VIDA E TRABALHO
DAS COSTUREIRAS
DOMICILIARES
NO CEARÁ?**





4 ANÁLISE DOS DADOS

Na nossa pesquisa 65,0% das entrevistadas se consideram pardas, 17,5% brancas, 16,2% se consideram pretas e 1,25% se consideram amarelas.

É interessante observar que estes dados apresentam algumas diferenças importantes com relação à **auto definição racial das mulheres no Ceará**, pois de acordo com o IBGE (2021) 67,2% são pardas, 26,5% são brancas e 5,5% são pretas. Por que será que na nossa pesquisa um percentual maior de mulheres se auto declaram pretas, enquanto um percentual menor de mulheres se definem como brancas?

Muitas respostas são possíveis, mas pensamos que uma das explicações mais significativas reside no fato de que a nossa pesquisa conversou com mulheres que se encontram em processos de trabalho extremamente precarizados, de baixa remuneração, instabilidade e insegurança. Sabemos que o racismo que estrutura a sociedade brasileira faz com que as pessoas pretas sejam aquelas que vivem nas piores condições de vida, com graus altos de exploração, opressão e violências diversas.

Como consequência, não é estranho que em pesquisas que se voltam para situações de profunda desigualdade e pobreza o percentual de pessoas que se definem como preta seja maior quando comparado com a população em geral. Mais adiante vocês poderão ver dados e análises que dão sustentação a nossa explicação. Por enquanto, sigamos na apresentação das costureiras.

Com relação à idade, a maioria se concentra em duas faixas etárias: 30 a 39 anos (31,0%) e 40 a 49 anos (30,0%). Se acrescentarmos aquelas que têm entre 19 e 29 anos (15,0%) veremos que **76,0% das costureiras se encontram na denominada idade reprodutiva.**

Quando perguntadas sobre o seu estado civil 46,0% são casadas e/ou moram junto, 37,0% são solteiras, 13,0% separada ou divorciada e 5,0% são viúvas.

Contudo, quando cruzamos estes dados com a composição do domicílio constatamos que muitas delas responderam a partir de seu status legal, ou seja, por vezes uma mulher responde que é casada, mas quando vai informar a composição do domicílio diz que é uma mulher só com filhos/as, por exemplo.

Assim, ao concentrarmos a nossa atenção nas composições domiciliares em que há mulheres com filhos/as, mas sem estarem em situação de conjugalidade, temos 39,1% das costureiras nessa situação.

Quando consideramos todas as mulheres pesquisadas, constatamos que em **67,0% dos domicílios há a presença de crianças e/ou adolescentes.** Entretanto, quando olhamos apenas os domicílios das 39,1% que não vivem em situação de conjugalidade, constatamos que em 85,3% há pessoas na faixa de 0 a 17 anos.

Portanto, não é por acaso que **para 64,4% das costureiras a mulher é a responsável pelo domicílio.** Apenas 8,0% consideram ser o homem e 26,0% consideram que a responsabilidade pelo domicílio é compartilhada pelo casal.

Vamos refletir um pouco sobre estes dados e seus efeitos na vida das costureiras domiciliares. Como dissemos acima, a maioria das mulheres está na idade reprodutiva, significando que são passíveis de engravidar e tendem a ter crianças e adolescentes em casa.

Desse modo, é bem comum as costureiras considerarem que realizar o trabalho produtivo em sua casa traz muitos benefícios, em especial para as mulheres que são responsáveis por filhos/as menores. Sim, faz todo

sentido, pois seria muito mais complicado ter que passar o dia fora de casa sem ter com quem deixar as crianças quando não estão na escola. Quem faria a comida? Quem tomaria conta para que nada de mal lhes acontecesse? Quem ajudaria nas tarefas da escola? Quem levaria para a unidade de saúde e lhes daria remédio se ficassem doentes?

Pois é, as mulheres não encontram essas respostas e seguem sozinhas cuidando de tudo, muitas vezes sem nem se darem conta que na verdade o que se passa é que elas, junto com suas crianças e adolescentes, **têm constantemente os seus direitos negados e violados**. Os exemplos são inúmeros:

As costureiras domiciliares não têm direito à licença maternidade. Se elas adoecem e não podem trabalhar, não têm direito à licença médica. Como muitas delas vivem em territórios onde o Estado só se faz presente através da força policial, as crianças e adolescentes não têm acesso a espaços culturais e de lazer. E não podemos esquecer da violação continuada do direito à educação e da falta de creches.

Já que falamos em educação, **59,0% das costureiras domiciliares chegaram até o ensino médio** e dentre essas 19,6% não o concluíram. Por outro lado, quase um terço avançou para o ensino superior.

A maioria das costureiras pesquisadas, 69,0%, não fez nenhum curso relacionado à costura. Ou seja, tal como já vimos nas histórias de vida, esse aprendizado ocorreu no espaço familiar, geralmente a partir do contato e da observação do trabalho da mãe.

E não podemos esquecer que o costurar foi historicamente associado às “prendas do lar”, a uma habilidade que as mulheres deveriam aprender desde cedo. E por mais estranho que possa parecer, ser um trabalho considerado “feminino” é um dos fatores que contribuem para sua desvalorização do ponto de vista produtivo. É como se fosse uma “ajuda” das mulheres para complementar o orçamento doméstico. Nada mais longe da realidade, como veremos daqui a pouco.

Mesmo sendo muito provável que as nossas entrevistadas tenham aprendido a costurar ainda na infância, 52,0% afirmam que foi na juventude que

esse trabalho se transformou em fonte de rendimentos. Chama a atenção o fato de que **30,0% delas informam ter sido na adolescência o momento em que começaram a ter na costura sua fonte de renda.**

A maioria das mulheres, 69,0%, nunca interrompeu seu trabalho com costura, em que pesem as condições precárias a que estão submetidas. Evidentemente as necessidades materiais da sobrevivência são um motivo muito forte para uma permanência tão alta no mesmo tipo de trabalho.

Contudo, pensamos que esse não é o único motivo. Como vimos nas histórias de vida, parece haver também uma gratificação pessoal, pois costurar, fazer roupas requer senso estético, muito raciocínio lógico, capacidade de realizar operações matemáticas complexas e criatividade. Além do que uma roupa nova e bonita sempre faz brotar sorrisos nos rostos das pessoas. Então, quem não sente alegria em poder produzir algo que tenha estes efeitos?

Infelizmente nenhuma dessas dimensões é reconhecida pela indústria da moda, especialmente quando se refere ao que é produzido e consumido por pessoas que têm menos recursos financeiros. Ou seja, não basta explorar as costureiras ao remunerarem de modo indigno o trabalho por elas realizado, é preciso também rebaixar as suas capacidades! É comum ouvir representantes de segmentos empresariais dizerem que a “falta de qualificação da mão de obra” é um dos grandes problemas do setor de vestuário, pois hoje em dia não existiriam mais costureiras de verdade. Na opinião dessas pessoas, existem apenas “juntadeiras”.

Contudo, tais representantes parecem esquecer que é exatamente o modelo de negócio da própria indústria da moda que impede que as costureiras criem e realizem a produção de uma peça de roupa complexa do começo ao fim. É a produção acelerada – a chamada fast fashion – que ao priorizar a quantidade e não a qualidade obriga as costureiras a fazerem tudo o mais rápido possível. Nesse processo, o que é demandado para elas muitas vezes é exatamente costurar partes de uma roupa.

A concretude desta desvalorização se revela nas condições de trabalho e remuneração das costureiras domiciliares, como veremos a seguir: **77,0% das costureiras informam que recebem por mês até 01 salário mínimo** e dentre estas, 26,6% recebem até um $\frac{1}{4}$ de salário mínimo!

Destacamos que a quase a totalidade das mulheres – 85,0% – tem na costura a sua única fonte de renda.

Como afirmamos anteriormente, por estarmos analisando as condições de trabalho de pessoas que estão em contextos de precariedade e vulnerabilidade sócio econômica, a dimensão das desigualdades raciais nos rendimentos individuais não se faz significativa, pois os altos níveis de precarização e exploração tende a “igualar” de modo perverso o valor da remuneração das mulheres. Mas isso não quer dizer que a estrutura racista da sociedade brasileira esteja ausente do cotidiano das costureiras pretas, basta olharmos com atenção dois dados da nossa pesquisa.

Os rendimentos familiares das costureiras também são majoritariamente baixos: quase metade delas – 46,0% – informam que a renda mensal de sua família não ultrapassa um salário mínimo e, assim, seguindo a mesma lógica, as desigualdades raciais nessa faixa de rendimento não são facilmente identificadas.

Contudo, quando analisamos **a faixa de renda familiar mais alta** da nossa pesquisa – entre mais de 02 a 04 salários mínimos – constatamos que apenas 7.7% das costureiras pretas têm rendimentos mensais familiares nessa faixa. No caso das costureiras pardas o percentual aumenta para 19,2%, enquanto que 28,6% das costureiras brancas têm rendimento familiar na faixa mais alta. Vejam bem, **o percentual das costureiras pretas que têm rendimento mensal familiar acima de dois salários mínimos é 04 vezes menor quando comparado às costureiras brancas!**

Antes de apresentarmos o outro que dado que demonstra a presença do racismo estrutural no cotidiano das costureiras domiciliares, é importante falarmos um pouco sobre as formas de contratação nesse tipo de trabalho domiciliar.

O tipo de vínculo entre contratantes e as costureiras não é considerado uma relação trabalhista – o que implicaria em uma série de responsabilidades da parte de quem contra e, conseqüentemente, de direitos para quem trabalha. De acordo com a interpretação dominante da legislação brasileira o que ocorre nesses casos é uma relação de compra e venda de produtos e/ ou serviços.

Como vivenciamos em nosso cotidiano, quando vamos comprar alguma coisa, ou contratar um serviço, quem define o valor é a pessoa que nos venderá algo ou nos prestará um serviço, cabendo a nós aceitarmos, tentarmos negociar ou simplesmente recusarmos o valor. Mas na vida das costureiras domiciliares não é assim que acontece, muito pelo contrário! **Segundo 79,0% das nossas entrevistas é o contratante quem define o valor do trabalho delas.**

Não há nenhum espaço para a costureira tentar negociar um preço melhor ou mesmo o prazo para a entrega das encomendas. Como estão isoladas umas das outras nos espaços de suas casas, os contratantes usam de várias formas de pressão para força-las a aceitarem a sua proposta, sendo uma das mais comuns dizerem: “ah, se você não quer problema seu, tem muitas outras costureiras nessa mesma rua que fazem até por menos”.

E tudo fica mais grave quando sabemos que 79,3% das costureiras entrevistadas informam que trabalham apenas para um contratante, ou seja, elas ficam quase que totalmente dependentes, sem margem para qualquer tipo de recusa ou negociação.

A precarização dessas relações se agrava quando 78,0% das costureiras informam que as encomendas – seus preços e prazos – são feitas apenas através da palavra, não havendo qualquer tipo de contrato e/ou recibo escritos e assinados.

É nesta dimensão que encontramos o segundo dado que demonstra **os efeitos do racismo estrutural** na vida das costureiras domiciliares. Quando analisamos as informações relativas a algum nível de formalização na relação com contratantes (contratos e/ ou recibos) que permitem maior estabilidade para elas temos que apenas 7,7% das costureiras pretas têm contrato e/ou recibos, enquanto que há 23,1% das pardas e 35,7% das costureiras brancas nessa situação. Ou seja, **o percentual de costureiras pretas em condições com alguma segurança mínima em seus vínculos de trabalho é 05 vezes menor quando comparado às brancas!**

Perguntadas sobre os tipos de encomendas que recebem, a maioria das costureiras – 72,0% – informa que são peças inteiras, 20,0% de peças

faccionadas¹ e 8,0% dos dois tipos.

No caso das costureiras que entrevistamos é muito provável, até pelas características de produção de vestuário no Ceará, que a maior parte das encomendas seja de peças do que se denomina, de modo bastante preconceituoso, de “modinha”. Esse termo se refere às peças de vestuário destinadas ao consumo fast fashion dos segmentos populares e que copiam modelos das grandes lojas de departamento. Em geral são peças de costura simples e que precisam ser produzidas de modo muito rápido, pois a lógica deste modelo é abastecer o mercado com novidades a cada 15 dias.

Como era de se esperar, o valor pago por peça é muito baixo: 60,2% das costureiras informam que recebem até R\$3,00 por peça, enquanto 16,2% recebem entre mais de R\$ 3,00 e R\$ 5,00 e 14,7% recebem mais de R\$5,00 por peça.

Com as informações que já temos podemos ter uma ideia de quantas peças uma costureira precisa fazer por mês para conseguir um rendimento mensal próximo a um salário mínimo.

Sabemos que a maioria das costureiras recebe entre meio e 01 salário mínimo². Então, vamos usar um valor que fique no meio deste intervalo, ou seja, R\$ 909,00 como referência para os nossos cálculos. Como vimos acima, o valor recebido por uma peça não ultrapassa, na maioria dos casos, R\$ 3,00. Usando a mesma estratégia, vamos considerar que uma costureira receba R\$ 2,00 por uma peça inteira.

Então podemos afirmar que **é muito provável que uma costureira domiciliar tenha que produzir em torno de 450 peças por mês para ter um rendimento próximo a um salário mínimo!** E isso apenas nos casos em que as costureiras trabalham com peças inteiras, dado que o preço pago por uma peça faccionada é bem menor.

① Quando falamos em peças faccionadas queremos nos referir aos processos de produção de uma peça, em quem a costureira só faz uma das etapas, como por exemplo, colocar bolsos, zíper, botões em uma calça jeans, ou golas e punhos em uma camisa masculina.

② Em 2022 este valor é de R\$ 1.212,00

Aqui não será possível apresentar os dados relativos ao valor de uma peça faccionada, tanto pelo fato de que foram poucas as entrevistadas que fazem esse tipo de costura, como também porque dentre elas 1/3 não sabe informar o valor pago por peça.

67,0% das costureiras só recebem o valor total do pagamento quando da entrega dos produtos. Tal situação, agravada pela inexistência de contratos, cria riscos significativos para elas, pois não é raro fazerem o trabalho e não receberem por ele.

Outro dado muito importante se refere ao fato de que 60,0% das costureiras afirmam que seu trabalho se caracteriza pela sazonalidade, ou seja, há períodos com maior volume de encomendas, enquanto em outros a demanda diminui. Isso significa que para manter seus rendimentos em um nível mínimo de estabilidade para garantir o seu sustento e da sua família ao longo de um ano, é provável que elas aceitem muito mais trabalho nos períodos de muitas encomendas buscando compensar a diminuição de seus ganhos nos outros meses.

Quando perguntadas sobre quantas horas por dia elas dedicam ao trabalho com a costura 82,0% dedicam entre 08 e 12 horas, enquanto 7,0% informam ser entre 12 e 15 horas e 11,0% trabalham mais de 15 horas.

É possível supor que as cargas horárias de trabalho sejam um pouco maiores do que as indicadas pelas costureiras. Dizemos isto porque nossa pesquisa foi realizada em janeiro e fevereiro de 2022 e ainda que não estivéssemos vivendo os mesmos níveis de isolamento social de 2020 e 2021, a produção de roupas ainda não havia retornado ao ritmo dos períodos anteriores à pandemia³.

Por trabalharem em suas próprias casas há um conjunto de gastos diretamente relacionados à costura e que geralmente não são considerados.

Estamos falando dos custos com a energia elétrica usada nas máquinas de costura, bem como a manutenção das mesmas, a aquisição de agulhas, linhas, tesouras, alfinetes, dentre outros. Além disso, 39,0% das costureiras nos contam que até os materiais de aviamentos (botões, zíperes,

³ Falando da pandemia do COVID-19, praticamente todas as costureiras (95,0%) nos ela afetou negativamente o seu trabalho. Os principais problemas foram: a diminuição das encomendas (91,0%), o medo de se contaminar (47,0%) e a perda de contato com clientes (45,0%).

enfeites diversos) são comprados por elas. Tomando em conta esses gastos, constatamos que o rendimento real das costureiras é ainda menor!

Sim, a precarização do trabalho dessas mulheres é muito grave. E ainda tem uma outra dimensão bastante complexa, pois 36,0% das costureiras contam com ajuda de alguém da família para realizar o trabalho e na grande maioria das vezes (81,0%) essa é uma ajuda frequente. Levantamos também a possibilidade de que a ajuda familiar seja maior do que a identificada pelas costureiras, na medida em que pode haver “pequenas tarefas” realizadas por outras pessoas da família que não são identificadas exatamente como sendo um trabalho.

Isto significa que **há um percentual significativo de trabalho familiar envolvido nesse modo de produção de vestuário e que é totalmente invisível**, ampliando ainda mais os níveis de exploração e precarização que estruturam a indústria da moda.

E como se não bastassem as imensas dificuldades, injustiças e indignidades vividas pelas costureiras domiciliares, **há também impactos negativos em seus corpos**. 78,0% das mulheres entrevistadas nos contam que seu trabalho causa danos a sua saúde. Os problemas mais comuns são: dores na coluna (80,0%), problemas de visão (73,0%), dores musculares (70,0%), estresse/nervosismo (61,0%) e problemas de circulação (53,0%). **É muito significativo constatar 40,6% das costureiras citarem entre quatro e cinco problemas de saúde causados pelo trabalho!**

Todas as palavras ditas pelas costureiras domiciliares do Ceará confirmam o quanto a costura da vida tem produzido tramas, modelos e figurinos que sufocam as mulheres. Nossos corpos são apertados e limitados não apenas pela imposição de ideais irrealistas, mas também por causa da exploração do trabalho e desvalorização das capacidades das costureiras.

Mas nós acreditamos que é possível inventar outras tramas, tecer direitos para as costureiras, criar modos de vestir que nos permitam sermos quem somos em nossos corpos e jeitos próprios sem qualquer padronização! Vocês também acreditam nas possibilidades de costurarmos moda com direitos?

Então, vem lutar com a gente!

